UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

LAIS MARIA RODRIGUES OLIVEIRA

UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE ESPÉCIES A PARTIR DO TUCUMÃ (*Astrocaryum aculeatum*)

MANAUS

2025

LAIS MARIA RODRIGUES OLIVEIRA

UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE ESPÉCIES A PARTIR DO TUCUMÃ (*Astrocaryum aculeatum*)

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Gilton Mendes dos Santos

Manaus

2025

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

O48e Oliveira, Lais Maria Rodrigues
Um estudo antropológico sobre as relações entre espécies a partir do tucumã (astrocaryum aculeatum) / Lais Maria Rodrigues Oliveira. - 2025.
70 f. ; 31 cm.

Orientador(a): Gilton Mendes dos Santos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Manaus, 2025.

1. Tucumã. 2. Astrocaryum aculeatum. 3. Amazônia. 4. Etnografia. 5. Relações Multiespécies. I. Santos, Gilton Mendes dos. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título

---

UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE ESPÉCIES A PARTIR DO TUCUMÃ (ASTROCARYUM ACULEATUM)

LAIS MARIA RODRIGUES OLIVEIRA

Manaus, 17 de dezembro de 2025.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr.Gilton Mendes dos Santos – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social/UFAM (orientador)

Prof. Dr. Thiago Mota Cardoso - Programa de Pós Graduação em Antropologia Social/UFAM

Dr.ª Mariana Franco Cassino - Núcleo de Estudos da Amazônia Indigena NEAI/UFAM

AGRADECIMENTOS

À força divina que está presente em todas as coisas, no ar que respiramos, nas águas, nas plantas e na vida.

Aos meus pais, Socorro e Ranilson, por sempre me apoiarem da melhor forma possível em todas as escolhas que faço na vida.

Ao Nirla, por me apoiar desde o início deste trabalho - com os cafés, os lanches, nas pausas da escrita e nas inúmeras coisas da nossa vida em conjunto.

Agradeço em especial ao meu orientador, Prof. Dr. Gilton Mendes dos Santos, por todo o incentivo, paciência, ensinamentos e pela confiança que depositou em mim para trabalharmos juntos durante todos esses anos de graduação e mestrado.

Aos meus amigos do NEAI, que contribuíram ricamente com todas as conversas durante nossos cafezinhos, seminários e orientações coletivas - em especial à Taynara, ao Mário e ao Guilherme, companheiros de longa data que enriqueceram minha vida acadêmica e pessoal. Também aos amigos do PPGAS Rafael Lopes, Rafaele Queiroz, Eduardo Monteiro e Lucillany, com quem me dediquei a projetos conjuntos.

Aos meus amigos do "CACS", como carinhosamente ainda nos chamamos, mesmo que hoje não façamos mais parte do grupo original da graduação de Ciências Sociais, o meu agradecimento por terem marcado mais uma era em minha vida, desde o início da graduação até hoje.

Agradeço também a todos os professores e professoras do PPGAS/UFAM pelos valiosos ensinamentos nas disciplinas.

Agradeço à CAPES pela concessão da bolsa de mestrado, que me permitiu dedicar-me integralmente à pesquisa por dois anos. Ao Projeto EMBIARA, em parceria com o Instituto Serrapilheira, pelo apoio com os custos do meu último campo em 2025. E à FAPEAM, pelo custeio das passagens em 2024, que possibilitou minha participação na Reunião Brasileira de Antropologia (RBA).

Por fim, mas não menos importante, um agradecimento especial a Dona Maria Izabel, mais do que interlocutora, minha amiga; sinto que não era apenas uma pesquisadora, mas sua parenta. Obrigada por tudo. Sem a senhora, este trabalho não seria possível. Agradeço também ao Sr. Nilsinho por me receber e ajudar sempre que preciso. Meu agradecimento estende-se à Comunidade São Francisco de Assis e a todos os agricultores que, de alguma forma, compartilharam seus saberes durante minha trajetória acadêmica.

RESUMO

Esta dissertação analisa as relações entre agricultores, plantas e modos de vida no Sítio Belém, em Rio Preto da Eva (AM), a partir do manejo do tucumã (*Astrocaryum aculeatum*). Durante o trabalho de campo, acompanhei as práticas de coleta, preparo, produção de mudas e comercialização, utilizando observação participante, diário de campo, entrevistas e registro fotográfico. Os resultados evidenciam como o tucumã compõe o cotidiano da família agricultora, articulando alimento, renda e conexões com feiras e redes agroecológicas. Sua circulação percorre diferentes escalas, do roçado às feiras de Manaus, refletindo decisões que equilibram mercado, manejo e valores familiares. No Sítio Belém, cultivar tucumã ultrapassa a lógica comercial: envolve cuidado, reciprocidade e atenção às temporalidades das plantas. A pesquisa ressalta o tucumã como espécie companheira, sustentando vínculos e práticas agroecológicas na Amazônia.

Palavras-chave: Tucumã; *Astrocaryum aculeatum*; Amazônia; Etnografia; Relações Multiespécies.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the relationships between farmers, plants, and ways of life in Sítio Belém, in Rio Preto da Eva (AM), based on the management of tucumã (*Astrocaryum aculeatum*). I accom panied practices of harvesting, processing, seedling production, and commercialization through participant observation, field notes, interviews, and photographic records. The results show how tucumã is embedded in the daily life of the farming family, articulating food, complementary income, and connections with markets and agroecological networks. Its circulation moves across different scales, from the swidden field to street markets in Manaus, reflecting decisions that balance market demands, management strategies, and family values. In Sítio Belém, cultivating tucumã goes beyond commercial logic, involving relations of care, reciprocity, and attention to the temporalities of plants. The research highlights tucumã as a companion species that sustains bonds and agroecological practices in the Amazon.

Keywords: Tucumã; *Astrocaryum aculeatum*; Amazon; Ethnography; Multispecies Relations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Boneca do cacho do tucumã (Astrocaryum aculeatum)..... 17
Figura 2 – Croqui do Sítio Belém..... 19
Figura 3 - Orelhudo na Capoeira..... 27
Figura 4 -Dona Izabel e Orelhudo na Capoeira..... 27
Figura 5 - Sr.Nilton Figura 6 - Sr. Nilton e Dona Izabel..... 29
Figura 7 - Pé do tucumanzeiro do quintal..... 31
Figura 8 - Caule do tucumãnzeiro que foi queimado..... 32
Figura 9 - Dona Izabel e Sr.Nilsinho..... 36
Figura 10 - Foice sendo amolada..... 37
Figura 11 - Dona Izabel..... 37
Figura 12 – Sequência do preparo da foice para a coleta do tucumã: (a) foice; (b) encaixe na vara; (c) amarração..... 38
Figura 13 – Coleta do tucumã: Sr. Nilsinho com a vara..... 39
Figura 14 -Dona Izabel com a vara..... 39
Figura 15 - Cacho de tucumã após coleta..... 40
Figura 16 – Tucumãs recém-coletados..... 41
Figura 17 – Tucumã roído por aves..... 41
Figura 18 – Lavagem do tucumã..... 42
Figura 19 - Caroços de tucumã..... 45
Figura 20 - Saquinhos de terra..... 46
Figura 21- mudas de tucumas e outras frutiferas..... 46
Figura 22 - muda de tucumã..... 48
Figura 23 - Capela em construção (2024)..... 50
Figura 24 - Dona Heloísa pintando a capela..... 51
Figura 25 - Fim da novena..... 52
Figura 26 -Folheto Nossa Senhora do Perpétuo Socorro..... 53
Figura 27 - Feira da REMA realizada na sede da ASSINPA..... 57
Figura 28 - Tucumã e Taioba..... 58

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 11

CAPÍTULO 1 – CONTEXTO E MODOS DE CLASSIFICAR O TUCUMÃ 16

2.1. “Ta saindo a boneca do tucumã!” 16

2.2. O Sítio Belém e suas espacialidades multiespécies 18

2.3. O tucumã e os modos de classificar no Sítio Belém 23

2.4. O tucumã entre capoeira e quintal: manejo, memória e transformação 26

CAPÍTULO 2 – PRÁTICAS AGRÍCOLAS E CIRCULAÇÃO DO TUCUMÃ 35

3.1. Coleta 35

3.2. Quando o caroço vira muda: histórias compartilhadas do tucumã 43

3.3. Circuito de mudas 54

3.4. Venda e instituições 56

3.5. Deixar viver: exceções e negociações com as plantas 58

3.6. Comercialização do tucumã 59

CONSIDERAÇÕES FINAIS 64

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 67

1. INTRODUÇÃO

Essa dissertação explora a relação multiespécies a partir do tucumã (*Astrocaryum aculeatum*) na comunidade São Francisco de Assis, localizada no município de Rio Preto da Eva, no estado do Amazonas. O tucumã, fruto de uma palmeira, é conhecido principalmente na região Norte por sua importância na alimentação de muitas pessoas. No texto *Vocabulário de Frutas Comestíveis na Amazônia*, são mencionadas ao menos duas espécies: o tucumã do Amazonas (*Astrocaryum aculeatum Meyer ou A. tucuma Mart.*) e o tucumã do Pará (*Astrocaryum vulgare Mart.*). O principal preparo culinário em que o tucumã possui protagonismo é o x-caboquinho, um combinado de pão francês, banana pacovã frita e queijo coalho, consumido especialmente no café da manhã e nos lanches da tarde. Além do consumo alimentar, o tucumã também é utilizado para outras finalidades, como a fabricação de óleos, devido ao seu alto teor de gordura.

Meu primeiro encontro com a espécie se deu por meio das feiras de Manaus, onde é comum encontrar o tucumã sendo comercializado, pois ele é muito apreciado pela população por ser um dos principais ingredientes dos lanches dos amazonenses. Durante o trabalho de campo realizado em 2022, visitei o Sítio Belém, na comunidade já citada. Enquanto estava em campo, pude observar na prática como as relações entre pessoas, plantas e animais estão inseridas no cotidiano, em uma dinâmica de interdependência. Foi possível perceber redes de relações que se emaranham nos conhecimentos, histórias e nos modos de uso das plantas. Os principais interlocutores desta pesquisa foram os agricultores Dona Maria Izabel e Sr. Nilsinho, moradores do Sítio Belém, localizado na comunidade São Francisco de Assis. No sítio, também reside o irmão de Sr. Nilsinho, o Sr. Nilton. A aproximação com a família ocorreu durante as visitas à feira em Manaus, quando fui convidada a conhecer o sítio deles, e posteriormente durante as visitas realizadas à comunidade ao longo do trabalho de campo. Dona Maria Izabel vive no sítio desde os anos 2000, tendo deixado os filhos, já adultos, em Manaus, quando decidiu trocar a cidade pela vida mais próxima da terra e dedicar-se ao cultivo de diferentes espécies. Desde então, o Sítio Belém tornou-se um espaço de produção

diversificada, onde fruteiras, hortaliças, animais e práticas agrícolas se integram ao cotidiano da família.

A aproximação com a comunidade São Francisco de Assis iniciou-se ainda em 2022, durante o trabalho de campo realizado para o Trabalho de Conclusão de Curso da minha graduação em Ciências Sociais. Posteriormente, já no âmbito desta dissertação, realizei um primeiro campo exploratório em junho de 2024, período de verão na região. Em 2025, retornei à comunidade em dois momentos distintos: um período de campo em março, considerado inverno, e um último em julho, início do verão, embora tenha sido um período bastante chuvoso. Nessas idas ao Sítio Belém, acompanhei o cotidiano dos agricultores, realizando caminhadas pelas áreas cultivadas e pela capoeira, além de conversas e observação das práticas de manejo das plantas e das relações entre pessoas, animais e outras espécies presentes no sítio.

Ao acompanhar os agricultores mata adentro em busca de espécies medicinais, percebi mais atentamente outros sujeitos, os animais. Caminhando pela trilha, notei os rastros de diferentes espécies responsáveis pela dispersão de frutos e sementes, evidenciando a presença e a vida desses outros seres e suas agências naquele ambiente. A partir disso, notei o tucumã de outra forma, buscando compreender como ele pode ser muito além de um produto comestível, mas parte de uma rede de relações nem sempre visível a quem não convive com ele.

A pergunta que guiou este estudo foi: o que o tucumã faz os outros fazerem? Muitos trabalhos já se debruçaram sobre o fruto em sua dimensão alimentar, botânica ou utilitária, contribuições importantes para valorizá-lo. Aqui procurei outra via inspirada pelas Etnografias Multiespécies (Kirksey e Helmreich, 2010) e pela antropologia mais que humana (Haraway, 2008, Tsing, 2015). O exercício proposto foi olhar não apenas para o que fazemos com o tucumã, mas também para aquilo que ele faz fazer, revelando relações que se desdobram entre pessoas, plantas e animais.

Diversos estudos em diferentes áreas do conhecimento mostram as relações entre humanos e outros seres, revelando que a própria floresta amazônica é resultado de ações antrópicas, sendo considerada um dos centros de domesticação

do mundo (Balée, 1998, Clement et al., 2010). Esses estudos apontam que a Amazônia não é uma natureza pura e intocada, mas resultado de um processo de manipulação e ocupação por populações ao longo de milênios, desafiando dicotomias tradicionais entre natureza e cultura. Foi nesse debate que se deu minha aproximação inicial com as práticas agrícolas amazônicas.

Esta pesquisa busca estreitar o olhar para relações que envolvem o tucumã, entre pessoas, animais e plantas. Essa perspectiva, baseada em uma antropologia mais que humana (Haraway, 2008, Rose e Van Dooren, 2011, Tsing, 2015), é produtiva para pensar a interação entre humanos e não humanos para além das oposições natureza e cultura. Retomando a ideia de Gregory Bateson de que a unidade básica é o organismo e seu ambiente, e de que a vida não pode surgir nem se manter em isolamento, Van Dooren, Kirksey e Münster (2016) lembram que, para além dos modelos ecológicos clássicos, os relacionamentos entre seres possuem histórias profundas e emaranhadas.

Um clássico ensaio da antropologia, “As técnicas do corpo” (1934), de Marcel Mauss, contribui para pensar essas relações a partir de uma antropologia da técnica. Para o autor, as técnicas são formas socialmente aprendidas de utilizar o corpo em determinadas atividades, sendo transmitidas e aperfeiçoadas ao longo das gerações. No caso desta pesquisa, essa perspectiva permite observar como o corpo da agricultora se engaja no manejo do tucumã, especialmente nos processos descritos no tópico “Quando o caroço vira muda”, evidenciando práticas que articulam conhecimento, experiência e relação com a planta.

A proposta das Etnografias Multiespécies busca compreender como se estabelecem essas relações e como constroem mundos sociais compartilhados. Conforme Anna Tsing (2019) argumenta, é importante refletir sobre as trajetórias que moldam e continuam moldando a paisagem, humana ou não. Ela destaca as trajetórias convergentes que compõem ritmos polifônicos do ambiente, representando múltiplas histórias simultâneas. Podemos entender que a história refere-se aos rastros e sinais de humanos e não humanos, e a como estes criam paisagens (Tsing, 2019, p. 94). Considerando esse panorama teórico, esta pesquisa busca compreender como se dão as relações a partir do tucumã e quais agências ele mobiliza.

A seguir, apresento dois trabalhos que dialogam com esta pesquisa de mestrado. Apesar de terem sido realizados no Pará, servem de inspiração para esta dissertação. A dissertação de Thais Helena Medeiros me ajuda a pensar a possibilidade de ter uma palmeira como referência para estudar relações da esfera social de uma comunidade. Em seu trabalho “Redes de Sociabilidade na Floresta: artesanatos em palha entrelaçam grupos e vida nas enseadas do Rio Arapiuns em Santarém/PA”, a autora busca, através da memória coletiva, entender as transformações das elaborações de artesanatos em palha de tucumã, procurando compreender os processos de significação e ressignificação dessa prática. Seu trabalho é desenvolvido a partir da rede de relações entre as pessoas que fazem artesanato, as pessoas que vendem e as pessoas que compram. O trabalho evidencia aspectos além da simples forma de produção do artesanato, feito com a palha do tucumã, mostrando como essa prática é um saber repassado de geração em geração e possui importante influência na economia da comunidade, o que estimula a continuidade dessa prática.

Ainda no Pará, Ana Carolina Arantes, em sua tese de doutorado, investiga as transformações do artesanato com a palha do tucumã, os "Trançados do Arapiuns". Seu trabalho demonstra a agência da palmeira em uma nova dinâmica econômica, impulsionada pelo turismo, que levou ao plantio de áreas específicas e à geração de renda para mulheres (ARANTES, 2022). Um dos aspectos mais interessantes em sua tese é a inversão de valor entre a palha e o fruto: as guias para artesanato são agora mais demandadas que o tucumã comestível. Esse deslocamento é tal que o consumo do fruto parece estar em declínio, migrando para o domínio da memória coletiva (ARANTES, 2022, p.102). Este estudo me inspira ao mostrar como uma palmeira pode reconfigurar relações econômicas e culturais.

Com base nessas reflexões teóricas, a dissertação está estruturada em dois capítulos. O primeiro capítulo aborda o contexto etnográfico e os modos locais de classificar o tucumã, a partir do Sítio Belém, destacando o aparecimento da boneca (como os agricultores chamam o estágio inicial de formação dos frutos), as espacialidades multiespécies e a presença da palmeira na capoeira (área de vegetação secundária que surge após o uso da terra). O segundo concentra-se nas práticas e circulações do tucumã: a coleta, o processo do caroço à muda, as

redes de troca, a decisão de manter um jovem tucumanzeiro em meio à área cultivada e a inserção no mercado. Ao longo desses capítulos, procuro evidenciar como o tucumã articula relações entre pessoas, plantas e animais, atravessando também redes sociais e comerciais.

CAPÍTULO 1 – CONTEXTO E MODOS DE CLASSIFICAR O TUCUMÃ

2.1. “Ta saindo a boneca do tucumã!”

Era terça-feira, meu primeiro dia de campo naquele mês de julho de 2025. Nesse dia, Sr. Nilsinho e Dona Izabel me buscaram na Rodoviária do Rio Preto da Eva e, após os compromissos na cidade, seguimos em direção ao sítio na comunidade São Francisco de Assis. Percorremos cerca de 17 km até o sítio.

Dona Izabel e eu organizamos as compras do mercado e eu a ajudei a preparar o almoço na cozinha, que possui partes abertas, como janelas que permitem a vista para o quintal nos fundos da casa, onde é possível ver alguns tucumanzeiros. Foi então que, de repente, do quintal, o Sr. Nilsinho gritou com entusiasmo, apontando para o tucumanzeiro: “Bell, tá saindo a boneca!”. Saímos rapidamente da cozinha, deixando tudo de lado, e nos dirigimos ao quintal. Ali, diante do tucumanzeiro cheio de espinhos, ouvi pela primeira vez a palavra que mudaria os rumos da nossa conversa: “a boneca”.

Logo em seguida, Dona Izabel exclamou: “Meu Deus, graças a Deus”, demonstrando extrema felicidade. Confesso que, naquele momento, não compreendi o que era a tal “boneca”; a palavra era totalmente desconhecida para mim, e não conseguia identificar nada de diferente na palmeira. Até que o Sr. Nilsinho explicou: “Esse tucumanzeiro vai dar em dezembro.” Foi nesse instante que percebi que se tratava de um sinal importante: a palmeira estava prestes a frutificar, sendo aquele o primeiro indicativo, já que ainda não havia dado frutos do tucumã.

Naquele fim de tarde, no sítio Belém, percebi que a primeira marca temporal do tucumã não é o fruto em si, mas a “boneca”: o anúncio de que a palmeira está prestes a frutificar.

Figura 1 – Boneca do cacho do tucumã (*Astrocaryum aculeatum*)



Fonte: Desenho elaborado por Dona Izabel, agricultora do Sítio Belém, 2025.

A “boneca” assemelha-se a uma canoa repleta de espinhos, como mostrado no desenho de Dona Izabel. Na nomenclatura científica, essa estrutura de proteção é chamada de espata (ou bráctea lenhosa), sendo a capa protetora que envolve a inflorescência do tucumanzeiro (BACELAR-LIMA et al., 2006). A espata é o primeiro indício visível do ciclo reprodutivo da palmeira, e sua presença indica o surgimento das flores. Ela funciona como uma proteção para essas flores e, por isso, quando o Sr. Nilsinho observou seu aparecimento na palmeira, ficou feliz, pois logo percebeu que a planta estava iniciando seu ciclo reprodutivo.

Diante dessa cena, Dona Izabel fez um desenho para explicar melhor, mostrando que a boneca é como uma pequena canoa espinhenta que guarda o futuro cacho de frutos. O entusiasmo do casal ao ver a boneca evidencia a agência da palmeira sobre os humanos, mobilizando sentimentos e expectativas, e mostrando como o ciclo da planta aciona afetos, trabalhos e futuros possíveis.

Compreendo a “boneca” como um sinal que conecta humanos e não-humanos, estabelecendo expectativas sobre os acontecimentos dos próximos

meses, funcionando como um calendário que comporta tanto agências humanas quanto não-humanas em mundos compartilhados.

Durante conversas com o casal de agricultores, perguntei sobre o início da frutificação do tucumã. Eles não indicavam uma data exata, como um mês específico, mas relacionavam-na aos sinais da planta: o aparecimento da boneca e a queda de um fruto, que permitiam prever se haveria tucumã ou não. Isso evidencia um calendário não linear no sítio Belém, ajustado ao próprio tempo da palmeira. Lembro-me de que, no início da pesquisa, ao tentar planejar o campo, perguntei ao casal qual seria o mês ideal. Esperava uma resposta direta, mas receberam-me com: “Quando começar a cair o fruto, te aviso.” Naquele momento, não percebi que a agência vegetal já se manifestava ali.

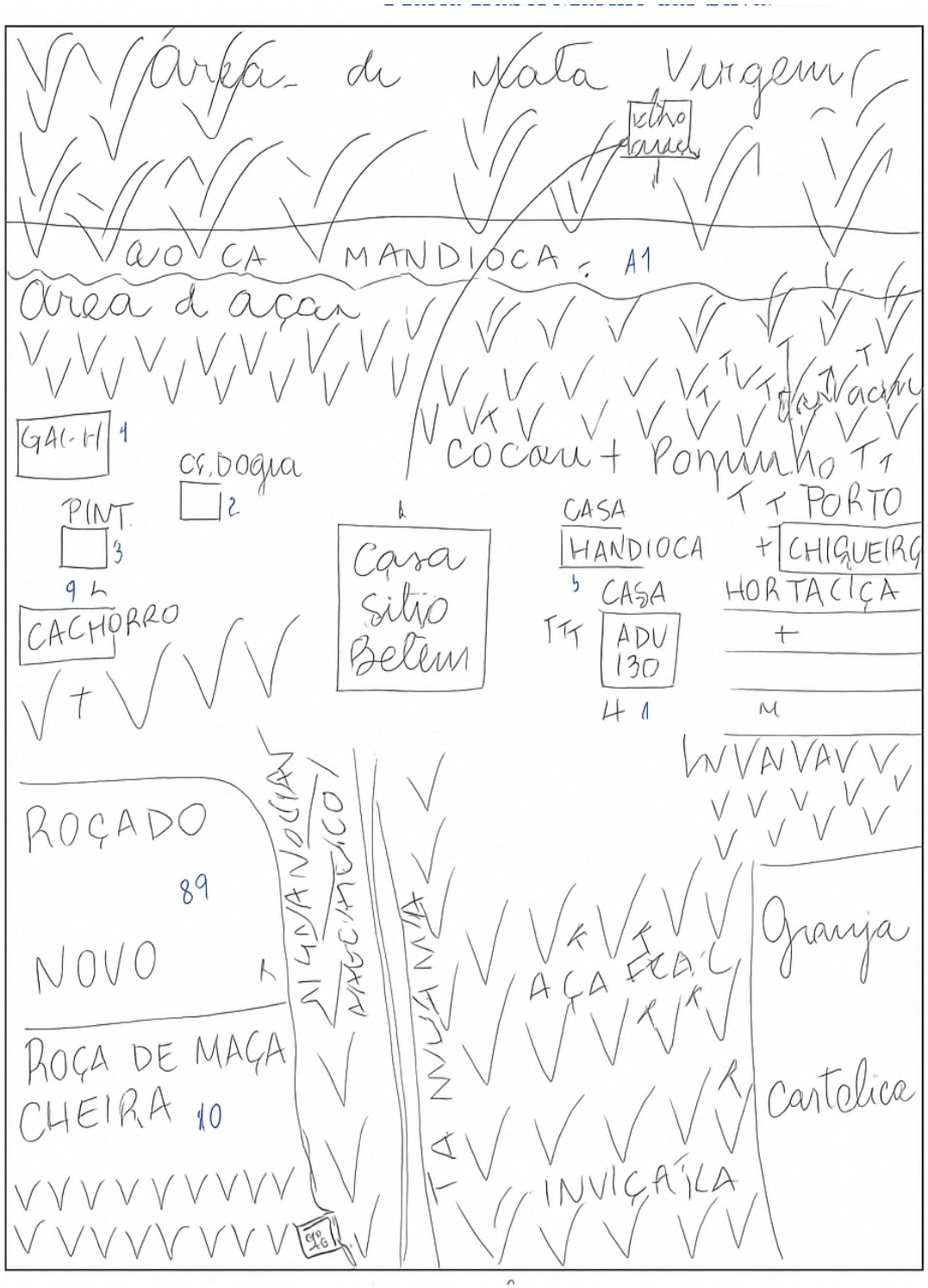
A observação da boneca e o acompanhamento da queda dos frutos evidenciam a convivência e a observação contínua dos agricultores, configurando o que Donna Haraway (1995) denomina “saberes localizados”: o conhecimento que se manifesta a partir da experiência situada e das práticas diárias no sítio.

Nesse contexto, a boneca deixa de ser apenas a “espata” botânica, o registro fisiológico da palmeira. Ela cria expectativas, organiza futuras atividades de cuidado pelos humanos e torna-se promessa: de alimento para humanos, aves, cutias e macacos; de frutos a serem coletados e vendidos; de futuros compartilhados que se desenham na paisagem do sítio Belém.

2.2. O Sítio Belém e suas espacialidades multiespécies

Para compreender a espacialidade do tucumã no Sítio Belém, utilizamos do croqui desenhado por Dona Izabel, que revela não apenas a disposição física dos elementos, mas as prioridades e relações que dinamizam o espaço. Durante nossas conversas cotidianas, ela decidiu me mostrar o desenho. Feito por ela mesma, o croqui apresenta a perspectiva de quem vive e cuida daquele espaço, permitindo observar como os elementos, humanos e não-humanos, se distribuem e interagem.

Figura 2 – Croqui do Sítio Belém



Fonte: Desenho elaborado por Dona Izabel (2025).

No croqui, a casa principal surge como ponto central que organiza o espaço. Ao seu redor, distribuem-se diferentes áreas produtivas e estruturais, incluindo hortaliças, roças, banana, cacau, pupunhal e tucumanzeiros. Próximo à entrada do sítio está a sede da igreja católica, construída em terreno cedido pela família. Nas

imediações encontram-se o açaizal, a andiroba e o laranjal. Outros elementos, como a casa de adubo, a casa de mandioca e o quintal, também aparecem, indicando os locais mais utilizados pelos moradores. O croqui não apenas mostra a disposição física, mas também evidencia como humanos e não-humanos se distribuem e interagem, oferecendo uma visão geral da organização do sítio.

A “Casa Sítio Belém” funciona como ponto central e, ao mesmo tempo, como um limite multiespécie: nem todas as espécies podem habitar livremente esse espaço. Para os humanos, ela representa um refúgio, oferecendo segurança durante chuvas intensas, mas não está isolada das demais espécies. Aranhas, insetos, cães e gatos transgridem essas barreiras, enquanto morcegos podem entrar na cozinha à noite para se alimentar das frutas deixadas para amadurecer.

Os cães são sempre lembrados de permanecer próximos à casa durante a noite, pois, segundo Dona Izabel, podem espantar animais maiores. Eles desempenham uma função específica, sendo responsáveis pela proteção noturna da residência. Essas transgressões mostram que a casa é um espaço de convivência e negociação entre humanos e outras espécies. Além de ser habitada, a casa também é representada: no croqui, Dona Izabel mostrou a distribuição dos tucumanzeiros ao seu redor, evidenciando modos de convivência multiespécie.

Quando me mostrou o desenho pela primeira vez, não foi fácil localizar os tucumanzeiros, pois, como ela explicou, “eles são plantados espalhados”, sem a formação de um tucumanzal no sítio. Essa configuração do Sítio Belém segue a lógica agroecológica de distribuição do plantio, articulando práticas herdadas da família e conhecimentos adquiridos por meio da participação em uma rede de agroecologia e de cursos realizados por Dona Izabel, com o consórcio das palmeiras com outras espécies.

É possível perceber os mundos sociais humanos e refletir sobre a espacialidade e circulação dentro do sítio, isto é, sobre sua geografia interna. Em seguida, Dona Izabel desenhou os tucumanzeiros, representados no croqui pela letra “T”. Observando o desenho, nota-se que a paisagem não é neutra: ela evidencia relações, escolhas e modos de convivência. A distribuição dos tucumanzeiros revela os vínculos entre humanos e não-humanos ao evidenciar

decisões sobre onde plantar, quais áreas manter, como consorciar espécies e como circular pelo sítio para coleta e cuidado, relações que as etnografias multiespécies nos ajudam a compreender.

Atrás da casa, há uma área de açaí, onde não há indicações de tucumã, seguida da roça de mandioca e, depois, de uma área de mata virgem. Apesar dessa configuração, o croqui não indica com precisão que todos os itens estão lado a lado ou livres de outras plantas, considerando a grande extensão do sítio e as limitações do desenho. Alguns elementos receberam maior atenção de Dona Izabel. Embora o croqui mostre a espacialidade, a vivência no sítio revelou como a casa também é atravessada pelo ritmo das chuvas e do sol.

Durante meu campo em julho de 2025, estávamos na transição de inverno para o verão, as duas categorias que dividem o ciclo anual amazônico em duas grandes estações, mas foi um momento atípico marcado por muitas chuvas. Passamos boa parte dos dias dentro da casa, que se tornou, para mim, o espaço central para a transmissão do conhecimento que a família possui sobre o tucumã. Geralmente, durante o jantar, Sr. Nilsinho e Dona Izabel misturavam histórias sobre a família, o tucumã e as variedades cultivadas no sítio.

Em certa manhã, conseguimos ir até a horta, mas o céu rapidamente escureceu. Dona Izabel comentou, enquanto segurava a enxada de ferro, que poderia cair raio, mostrando como o clima impõe limites e riscos. O trabalho ao ar livre só ocorre quando o tempo permite. No inverno, a casa se torna ainda mais central, já que muitas atividades externas não são realizadas como no verão. Notei que o verão é o período de “fazer coisas”: a família planeja roçar, abrir novas roças, adubar frutíferas, entre outras tarefas.

A área de "cacau + pupunha" e o bananal indicada no croqui aparece muito próxima, sugerindo que essas frutíferas estão quase sempre plantadas juntas. É nessa área que se concentra a maior parte dos tucumanzeiros, revelando que eles não são cultivados isoladamente, mas em associação com outras frutíferas. Em uma das caminhadas pelo sítio, fomos verificar essas áreas; devido à chuva, era mais difícil alcançar os locais mais distantes da casa nesse período.

Eu, Dona Izabel e Sr. Nilsinho encontramos vários cachos de banana parcialmente consumidos, sinal de que algum animal havia passado por ali. Enquanto observávamos as marcas deixadas nos frutos, comentei que talvez os mesmos bichos também estivessem se alimentando dos tucumãs ainda presos às palmeiras. Imaginei que os pássaros também aproveitassem para comer os frutos maduros, assim como fizeram com as bananas. Apesar do chiqueiro próximo, não havia porcos no local durante minha visita.

Papagaios, tucanos e outras aves aproveitam a ausência humana para se alimentar dos frutos, incluindo bananas, tucumãs e pupunhas, quando disponíveis. Esses rastros evidenciam a presença de outros agentes além dos humanos na dispersão e no consumo dos frutos, sem interferência humana direta.

No Sítio Belém, a “perda” causada pelos animais é aceita como parte da convivência; entretanto, existem relatos de membros da comunidade sobre animais, principalmente macacos e aves, sendo mortos por consumirem frutos do tucumã diretamente do cacho. Esse contraste evidencia que a relação entre os agricultores envolve negociações constantes: às vezes a presença desses animais é vista como rotina, outras vezes como ameaça ou competição pelos frutos. Dado que os tucumãs são valiosos para venda, alguns agricultores optam por comercializar os cachos ainda na palmeira como uma encomenda antecipada: o cliente garante o cacho, e o agricultor realiza a colheita e a entrega ao cliente quando os frutos estão maduros.

Assim como os tucumanzeiros se distribuem entre bananal, cacau e pupunhal, outras áreas do sítio, como as leiras, as hortaliças, a casa de adubo e a casa de mandioca, seguem padrões específicos de cuidado e convivência, como o manejo do solo, o reaproveitamento de resíduos orgânicos e a atenção às interações entre humanos, plantas e animais.

Mais à frente das leiras de hortaliças encontram-se a casa de mandioca e a casa de adubo. O desenho indica três tucumanzeiros que ficam entre a casa principal do sítio e a casa de mandioca; foi em um desses que realizamos a coleta do cacho. A casa de adubo tem um papel importante, pois é o local onde ficam armazenadas as caldas bordalesas preparadas por Dona Izabel. Ela utiliza restos de

diversos materiais orgânicos, que incluem as cascas dos tucumãs consumidos no sítio. Como ela explica: “Eu faço caldas e biofertilizantes no verão. Coloco esterco de galinha, cinza, folhagem e até bucho de peixe. É a proteína da terra.” Nesse processo evidencia-se uma rede composta por seres e substâncias: restos de animais, vegetais, microrganismos, água e o cuidado humano. O biofertilizante não se reduz a uma técnica, mas constitui um arranjo multiespécie de nutrição, no qual diferentes vidas e matérias colaboram para sustentar o tucumã e outras frutíferas. Ela complementa: “O tucumã, quando eu termino de descascar, estou descascando uma caçada de tucumã para tirar a polpa, e aquelas cascas vão todas para a calda.” Nessa área, próxima às leiras de mandioca e à casa de adubo, também já encontramos rastros de cutias (*Dasyprocta* spp.) .

O croqui do Sítio Belém expõe mais do que uma simples disposição física das plantas e construções. Ele expressa um espaço cheio de vida, no qual as teias são compostas por humanos, animais, plantas e práticas cotidianas. A casa principal, a casa de adubo, os tucumanzeiros, o bananal e o pupunhal contam a história do sítio e da paisagem, uma história marcada pelo cuidado. Ao mesmo tempo em que organiza o espaço de acordo com o plano de manejo agroecológico do qual Dona Izabel participa, o desenho evidencia prioridades da agricultura local, bem como relações e interdependências. A presença da cutia e dos pássaros, perceptível por meio de rastros e aparições, e a circulação de frutos e mudas mostram que os humanos compartilham o sítio com outros agentes. O croqui é, portanto, uma cartografia da vida no sítio, na qual decisões, gestos e aprendizados se articulam em uma rede multiespécie, tornando visível a complexidade da convivência e dos modos de estar no mundo do Sítio Belém. Mais do que uma representação, o croqui revela o saber localizado dos agricultores e a agência de diferentes espécies, mostrando como humanos e não humanos co-produzem a paisagem e moldam conjuntamente seus ritmos e práticas (Haraway, 1995; Tsing, 2019). A partir dessa compreensão espacial, é possível avançar para os modos locais de classificar as espécies e variedades, que revelam como os agricultores percebem, nomeiam e organizam o tucumã e outras plantas em seu cotidiano.

2.3. O tucumã e os modos de classificar no Sítio Belém

Em uma noite no Sítio Belém, durante o jantar, tivemos uma longa conversa sobre o cotidiano da comunidade e histórias antigas que o casal gosta de

compartilhar. No decorrer da conversa, cientes da motivação da minha pesquisa, eles mencionaram as variedades de tucumã presentes no terreno: o tucumã-arara, já conhecido por mim a partir de leituras e das feiras de Manaus, e outros até então inéditos para mim, como o tucumã ararinha, o tucumã casca de jabuti e o tucumã sangue-de-boi.

Essa informação abriu a discussão sobre os modos de classificar locais. Perguntei quais seriam os motivos para que os frutos recebessem nomes diferentes. Segundo o casal, o tucumã sangue-de-boi se distingue pela cor da polpa, avermelhada ou de um laranja intenso. O tucumã casca de jabuti, por sua vez, é identificado pelo aspecto da casca, descrito como “rajado, igual ao casco do jabuti”. Há ainda o “tucumã miudinho da casca preta”, caracterizado como maçudo, com polpa amarela mais viva do que a do arara. Entre todos, o tucumã-arara é o mais valorizado e consumido comercialmente.

Perguntei como ocorria o processo de identificação dos frutos, e eles explicaram que cada variedade pode ser diferenciada com base em suas características físicas. No Sítio Belém, os critérios de classificação do tucumã emergem da experiência cotidiana dos agricultores. O tucumã é descrito como “maçudo”, por ter mais “carne”, termo usado por Dona Izabel para designar a polpa (mesocarpo) do fruto. Ela acrescentou que o tucumã-arara possui um “gosto temperado”, que, aliado ao volume da polpa, o torna mais atrativo para os consumidores da feira. O tucumã ararinha, segundo ela, é semelhante ao arara, mas de tamanho menor. Quando perguntei sobre o primeiro passo desse modo de classificar, responderam que “ao olhar apenas para o cacho do tucumã, não é possível definir de imediato a variedade”. Para ter certeza, é preciso esperar a queda do fruto, pois a localização da palmeira não garante a identificação, já que há muitas espalhadas por todo o sítio.

Essas informações evidenciam que o tempo é um fator fundamental em várias dimensões. No caso do tucumã, ele é determinante desde o crescimento da palmeira, que leva cerca de sete anos para frutificar. Trata-se de uma planta que exige paciência e espera, pois seu desenvolvimento é lento. O tempo também é central na construção do conhecimento local, que segue ritmos não acelerados, em contraste com as práticas da agricultura industrial, marcada pelo uso de adubos e pesticidas para apressar processos de crescimento e maturação. A observação paciente e o acompanhamento temporal constituem a base do saber sobre o fruto.

Essas práticas podem ser entendidas como “tecnologias de saberes situados”, no sentido proposto por Donna Haraway (2009), conceito que critica a suposta objetividade universal da ciência e destaca que todo conhecimento é produzido a partir de posições e experiências situadas, envolvendo observar, esperar e interagir.

Tabela 1 – Tipos de tucumã presentes no sítio Belém, com suas características e analogias nos nomes.

Tipo	Características principais	Nome/Analogia
Tucumã-arara	Maçudo, suculento, polpa amarela, gosto temperado	Relacionado às aves que consomem o fruto
Tucumã ararinha	Semelhante ao tucumã-arara, mas menor	Diminutivo do tucumã-arara
Tucumã casca de jabuti	Casca rajada, polpa amarela	Comparado ao casco do jabuti
Tucumã sangue-de-boi	Polpa avermelhada ou laranja intensa	Referência à coloração da polpa
Tucumã miudinho da casca preta	Pequeno, maçudo, polpa amarela (mais viva que o arara)	Descritivo do tamanho e da cor da casca

Fonte: Elaboração própria a partir das entrevistas realizadas no sítio Belém.

As instruções que foram dadas sobre o processo de identificação do “tipo de tucumã” por eles são que, quando os primeiros frutos caem do cacho e ficam no “pé” do tucumazeiro, deve-se coletar esses frutos, descascá-los e consumi-los. Nota-se, a partir da narrativa, mais uma vez, as qualidades sensoriais e essa necessidade de interação direta com o fruto coletado para entender e, então, depois, proceder à sua identificação ou determinar seu lugar na classificação, o que envolve, portanto, a visão, o paladar e o tato. Após essa etapa, eles descreveram as características do fruto, utilizando novamente o exemplo do tucumã-arara, que foi descrito como maçudo, suculento e amarelo. Também podemos pensar no caso dos nomes dados como critérios analógicos, como o tucumã arara, levando esse nome relacionado às aves que consomem o fruto, e o tucumã casca de jabuti, associado ao casco do jabuti por ter uma casca parecida. Os modos de classificar o fruto ocorrem tanto

pelas interações diretas dos agricultores com o tucumã quanto pelas informações compartilhadas por outros membros da comunidade que já possuem conhecimento sobre a espécie. Esse processo gera uma rede de saberes sobre o tucumã, onde o conhecimento circula e se valida coletivamente.

Esse processo remete ao que Lévi-Strauss denominou de “ciência do concreto” em *O pensamento selvagem* (1990). No caso do tucumã, a classificação se apoia sobretudo em características físicas e sensoriais, como cor, tamanho, textura da casca e sabor. Esse conjunto resulta em modos de identificar que operam por analogias com o mundo natural, como nos exemplos “sangue-de-boi” ou “casca de jabuti”. Assim, os modos de classificar ultrapassam o ato individual de observação e se constituem como um conhecimento cultural compartilhado, construído e transmitido nas relações entre os agricultores.

Depois de me apresentarem os tipos de tucumã presentes no sítio, os agricultores explicaram como obtiveram essa diversidade. Relataram que, em alguns casos, compravam tucumãs nas feiras para consumo doméstico e, ao gostarem do fruto, guardavam o caroço para plantar. Em outros momentos, recebiam frutos de vizinhos ou parentes e repetiam o mesmo processo.

2.4. O tucumã entre capoeira e quintal: manejo, memória e transformação

Nesse dia, combinamos de ir até o terreiro com o objetivo de localizar os tucumanzeiros que Dona Izabel não avistava desde março de 2025, data da minha última visita ao sítio. Nos dias anteriores, as fortes chuvas haviam impedido o deslocamento, já que essas palmeiras ficam em uma área afastada da casa. Além do mato alto, havia também o risco de animais peçonhentos, como cobras que costumam frequentar essa parte do sítio. Por essas condições, era necessário ir acompanhado; assim, chamamos o Sr. Nilton e o cachorro Orelhudo para nos guiar. Orelhudo, companheiro desde minha primeira visita em 2022, sempre nos acompanha nas incursões às áreas de mata mais densa. Já o Sr. Nilton, mateiro experiente, tem grande facilidade em reconhecer plantas.

Partimos pela manhã em direção ao terreiro. O Sr. Nilton, munido de um facão para abrir o caminho, e Dona Izabel seguiam à frente, enquanto eu caminhava atrás, acompanhada de Orelhudo, que ora farejava o entorno, ora parava para cavar o

chão. A escolha do horário não era aleatória: tratava-se de um cuidado fundamental para evitar encontros com cobras. Os agricultores do sítio sabem que certos períodos do dia são mais propícios à presença desses animais, o que orienta a definição dos momentos mais seguros para o deslocamento.

Após atravessarmos uma cerca natural de mato alto, intensificado pelas chuvas e pela impossibilidade de roçar o terreno, a paisagem se transformou. Não era mata fechada nem roçado aberto, mas um ambiente intermediário, com menor incidência de luz solar devido às árvores altas cujos galhos entrelaçados cobriam parte do céu. O ar tornou-se mais úmido e o chão, macio, estava recoberto por uma espessa camada de folhas molhadas.

Figura 3 - Orelhudo na Capoeira

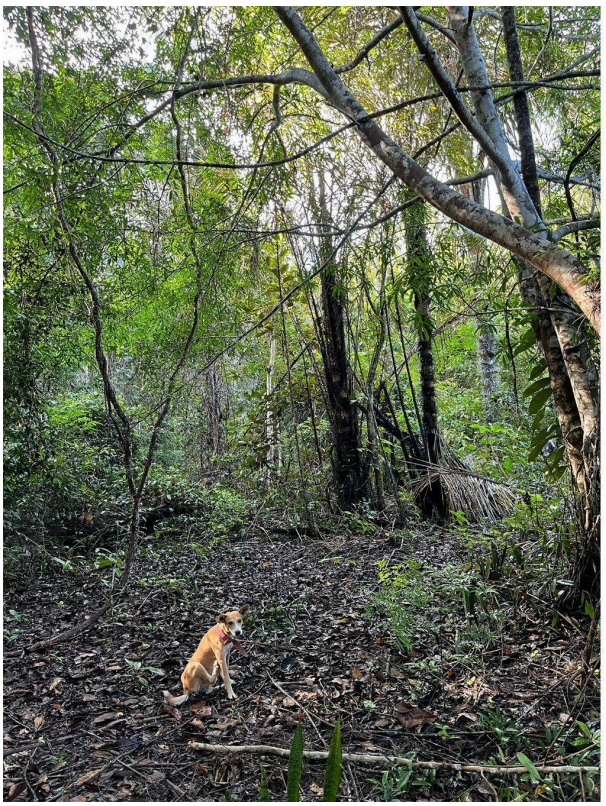


Figura 4 -Dona Izabel e Orelhudo na Capoeira



Fonte: Autora (2025).

O silêncio foi substituído pelo som abafado de nossos passos, enquanto nossas vozes se misturavam ao canto de pássaros, cigarras e outros animais. Logo, Dona Izabel começou a indicar as plantas ao redor, e aquilo que, à primeira vista, parecia uma disposição aleatória revelou-se uma organização construída a partir de sua memória.

O que até então eu imaginava ser mata virgem revelou-se parte integrante da história local, dada a presença de tucumanzeiros tão altos. Segundo os moradores da comunidade, não havia ocorrência nativa dessa palmeira na região. Por algum tempo, supus que aqueles pés de tucumã haviam surgido apenas pela dispersão das cutias. Foi então que Dona Izabel explicou que, naquele trecho do terreno, a família havia construído o primeiro barraco, sua primeira casa.

No início dos anos 2000, a família comprou o terreno, então coberto por mata quase virgem. O local não podia permanecer sem vigilância, já que eram frequentes as invasões em áreas desse tipo. Por esse motivo, o cunhado de Dona Izabel, César, foi morar ali para zelar pela terra, o que levou à construção de um primeiro barraco.

Enquanto caminhávamos pela área onde antes ficava o barraco, hoje sem vestígios da construção, Dona Izabel contou que as primeiras frutíferas foram plantadas em 2003 e que os primeiros tucumanzeiros, segundo sua memória, surgiram entre 2003 e 2005. A família adquiria os frutos nas feiras de Manaus e de Rio Preto da Eva. Nos fins de semana no sítio, consumiam os tucumãs e lançavam os caroços ao redor do barraco. Assim, quase de forma despretensiosa, nasceram as primeiras mudas no terreno.

Dona Izabel também compartilhou lembranças dos momentos vividos com a família no local, como almoços e cafés da manhã com os filhos pequenos. Conseguia indicar com precisão cada canto do barraco, lembrando da pia, da mesa e dos bancos, mesmo que a construção não existisse mais. As árvores funcionavam como pontos de referência, permitindo localizar no espaço os antigos usos do terreno. Por exemplo, a mangueira marcava onde ficava a mesa em que a família fazia as refeições, e ela comentou: “ali embaixo dessa mangueira ficava a nossa mesa”. Outra árvore indicava a localização do antigo banheiro.

Tudo isso se apoiava nas fruteiras que ela conseguia localizar, evidenciando a memória dessas plantas e a história do surgimento daqueles tucumanzeiros. Atualmente, a área é apenas uma capoeira, raramente frequentada pela família, mas que ainda preserva a memória das experiências vividas naquele lugar.

Essa paisagem revela uma história de interações entre humanos e não humanos, evidenciando que, mesmo com a ausência constante de pessoas, o local permanece ocupado por diversas espécies. A ausência humana permitiu a presença de animais que antes não frequentavam áreas próximas à casa. Dona Izabel comentou que, embora não veja mais cutias perto da residência, os rastros indicam que elas continuam a visitar a capoeira. Plantas e animais seguem transformando a paisagem, demonstrando como os seres não humanos atuam ativamente na organização do ambiente.

Após a conversa, seguimos em busca dos outros tucumanzeiros, que remontavam aos antigos frutos daquela época. Caminhamos com o Sr. Nilton e Dona Izabel à minha frente; o Sr. Nilton nos guiava e abria caminho, já que o mato estava cada vez mais fechado e alto. Com seu facão, desviamos de árvores espinhosas e vegetação densa até finalmente encontrar os tucumanzeiros próximos do antigo barraco.

Figura 5 - Sr.Nilton



Figura 6 - Sr. Nilton e Dona Izabel



Fonte: Autora (2025).

Esses tucumanzeiros refletem as interações passadas, ocorridas antes do cultivo de mudas no sítio. Ao encontrar o primeiro pé, a orientação era observar o

topo da palmeira para identificar os cachos de frutos. Conseguimos ver os cachos, mas também era essencial observar o chão. A inspeção da base permitiria confirmar a presença de frutos caídos. Como não havia frutos no chão, seguimos adiante, pois, como Dona Izabel explica, 'quando não cai o fruto, não se pode fazer a coleta'.

Seguimos até o próximo tucumanzeiro e repetimos o procedimento: observamos o topo da palmeira, vimos frutos nos cachos, mas não havia frutos caídos no chão. Entretanto, próximo a palmeira, havia um buraco, que foi identificado como possível rastro de um animal, possivelmente um tatu ou uma cutia, indicando a presença de outros coletores. Sem frutos caídos, Dona Izabel optou por não coletar o cacho naquele dia.

Em seguida, subimos para o quintal, onde também há tucumanzeiros, mas apenas três estavam produzindo frutos. Repetimos a observação dos cachos de cada palmeira. Nos dias anteriores, verificávamos o pé das árvores e coletávamos os frutos caídos para experimentação. Em algumas ocasiões, ao descascá-los, encontramos larvas, chamadas localmente de 'tapuru'. Naquele dia, coletamos os frutos do chão e os levamos para casa, onde provei o melhor tucumã de toda minha pesquisa no sítio Belém. Foi desse pé que Dona Izabel decidiu realizar a coleta do cacho.

Percebe-se uma diferença entre os tucumanzeiros próximos da casa e aqueles mais distantes, como os situados na capoeira. As palmeiras próximas da residência recebem maior atenção dos agricultores e convivem com a presença constante de humanos e animais domésticos.

Essa proximidade gera relações distintas e pode até modificar o corpo do tucumanzeiro. Certos pés localizados próximos à casa podem ser considerados mais “limpos”, pois recebem manejo com mais frequência, já que os agricultores roçam o mato ao redor. Mesmo assim, outras plantas crescem junto a essas palmeiras, muitas delas consideradas “mato” ou vegetação espontânea que brota ao redor do pé do tucumã, atuando como companheiras, de forma semelhante ao que se observa na capoeira.

Figura 7 - Pé do tucumanzeiro do quintal



Fonte: Autora (2025)

Na imagem acima, observa-se um tucumanzeiro que recebeu manejo dos agricultores. Chamou-me a atenção a presença de pedaços de madeira ao redor da palmeira. Segundo Dona Izabel, essas madeiras funcionam como uma barreira improvisada para impedir que as galinhas soltas no quintal consumam o adubo aplicado aos pés do tucumã, conciliando a presença das duas espécies. Além disso, o caule dessa palmeira apresenta menos espinhos em comparação a outros pés do sítio.

Enquanto procurávamos frutos no chão, Dona Izabel avistou uma palha de outro tucumanzeiro pendurada e alertou: 'Cuidado!'. Explicou que a palha possui espinhos perigosos que podem machucar. Em seguida, contou a história de uma vizinha que se acidentou com as palhas do tucumanzeiro. A mulher havia construído o chiqueiro dos porcos próximo a algumas palmeiras, e, como é costume, as folhas caem ao chão. Em um episódio, um porco se assustou com a presença da vizinha e a derrubou sobre as palhas, causando um acidente doloroso devido aos espinhos. Após narrar o ocorrido, Dona Izabel afastou as palhas do nosso caminho.

Quando seca, a palha do tucumã pode ser queimada aos pés dos tucumanzeiros, prática conhecida pelos agricultores como 'tacar fogo no tucumanzeiro'. Segundo eles, essa técnica aduba o solo e ajuda a eliminar os espinhos do caule da palmeira, prevenindo acidentes. A queima funciona como limpeza e transformação do corpo da palmeira, tornando-a menos espinhenta. A eficácia dessa prática foi discutida em reunião da associação, quando Dona Etelvina, outra agricultora da comunidade, observou que, após a queima, a qualidade dos frutos melhorou e a circulação ao redor dos tucumanzeiros ficou mais fácil. A prática ocorre no verão, uma única vez, em palmeiras específicas, após a retirada de todos os cachos de frutos. Trata-se de um fogo controlado, cuidadosamente aplicado para não prejudicar plantas sensíveis ao fogo.

Figura 8 - Caule do tucumãnzeiro que foi queimado



Fonte: Autora (2025)

Em um dos meus períodos de campo, visitei um vizinho da comunidade que não integra a associação de agricultores orgânicos. Ele possui cerca de cinco pés de tucumã e relatou as técnicas que utiliza e já utilizou para tentar melhorar a qualidade

dos frutos, inicialmente considerados amargos. Entre os métodos, mencionou o uso do fogo, que, embora tenha reduzido a quantidade da produção, compensou pelo realce no sabor. A ausência de tucumãs nativos não se restringia apenas ao Sítio Belém. Na propriedade visitada, a narrativa se repetia: quando a família chegou ao local, não encontrou a especie. Os pés existentes hoje foram plantados há cerca de oito anos e são provenientes de frutos comprados ou recebidos de outras pessoas e consumidos pela família. O vizinho ainda relatou que, quando começou a se interessar pelo plantio, diversas pessoas o desencorajaram devido à demora que o tucumanzeiro leva para frutificar.

O uso do fogo é comum na Amazônia. Costa, Leeuwen e Costa (2005, p. 215) indicam que o tucumã possui resistência ao fogo, sendo encontrado principalmente em roçados, pastagens e capoeiras, locais que recebem em certos períodos uso do fogo. No entanto, não se trata de qualquer tipo de fogo, mas de um fogo intencional, ancorado em técnicas voltadas a objetivos específicos, como a preparação da terra para a abertura de uma roça, diferentemente do fogo criminoso com intuito destrutivo. A prática de pôr fogo nos pés das palmeiras pode ser entendida como uma forma de perturbação humana intencional positiva, no sentido proposto por Tsing (2015), a partir de sua análise da floresta satoyama, em que a perturbação humana ajudou a moldar a arquitetura da paisagem.

Dessa forma, a queima controlada consolida o processo de manejo, criando uma paisagem segura e produtiva que contrasta radicalmente com a densidade espinhosa dos tucumanzeiros da capoeira. A transformação do corpo da palmeira evidencia, de modo mais visível, a relação entre os membros da comunidade e os tucumanzeiros. Esse movimento mostra o tucumã não apenas como um fruto, mas como um mobilizador eficaz de práticas humanas.

Na comunidade São Francisco de Assis, localizada na área rural de Rio Preto da Eva (AM), não havia ocorrência de tucumãs nativos no momento da chegada das famílias. Conforme Balée (1994), algumas espécies de palmeiras, como o babaçu e o tucumã, podem ser entendidas como marcadores de presença humana, testemunhos de ocupações e manejos anteriores em diferentes regiões da Amazônia. Nesse sentido, a presença dos tucumanzeiros sugere tanto o movimento

de pessoas que carregaram e plantaram caroços e mudas quanto a ação de animais que enterraram sementes.

CAPÍTULO 2 – PRÁTICAS AGRÍCOLAS E CIRCULAÇÃO DO TUCUMÃ

3.1. Coleta

Após vários dias de chuva, finalmente amanheceu um dia ensolarado, considerado pelos agricultores como ideal para a coleta. Eu e Dona Izabel tomamos café e, quando o Sr. Nilsinho acordou, perguntamos se iríamos recolher o cacho de um tucumanzeiro próximo à casa. A atividade exigia esforço coletivo, pois sozinhas não conseguiríamos realizá-la. A agricultora já havia planejado a coleta no dia anterior, mas aguardava um tempo firme, já que a prática não é recomendada sob chuva.

Há protocolos não explícitos para a preparação das atividades de trabalho, incluindo a coleta. Nesse momento, o corpo é “equipado” com trajes que auxiliam e acompanham a execução das tarefas. Fomos, então, trocar de roupa, vestimentas que aprendi a utilizar ao longo dos trabalhos de campo e das visitas ao Sítio Belém, observando a família.

As vestimentas recomendadas, embora não obrigatórias, incluem camisa de manga longa, que protege dos mosquitos, companheiros constantes da vivência no sítio, e também do sol, que pode causar queimaduras e insolação. A calça comprida evita a exposição da pele a insetos ou plantas espinhentas; as meias são igualmente importantes; e as botas de cano alto oferecem proteção contra animais peçonhentos, lama e plantas que possam aderir à pele. Cada peça de roupa funciona como defesa diante da agência de outros seres. Assim, o corpo se prepara e se equipa para engajar-se na prática cotidiana de relações com as demais espécies.

Em seguida, Dona Izabel pediu ao cunhado, Sr. Nilton, que procurasse a foice. A coleta mobilizou todos os familiares do sítio. Eu, Dona Izabel e o Sr. Nilsinho fomos buscar a lona para estender embaixo do tucumanzeiro, a fim de recolher os frutos que iriam cair. Enquanto o casal a estendia, o calor e a umidade do ar tornavam a atividade cansativa, e os mosquitos, sobretudo o muruim, rodeavam nossas cabeças e braços, lembrando-nos de que não estávamos sozinhos.

Figura 9 - Dona Izabel e Sr.Nilsinho



Fonte: Autora (2025)

Na hora de retirar o cacho do tucumanzeiro, a foice foi direcionada até o cabo e, ao enroscar, quebrou a parte em que estava amarrada à vara. Perceberam que a foice era pequena demais e não seria suficiente para retirar aquele cacho. Começou então a saga de arrumar a ferramenta. Foram procurar uma foice maior e reforçaram a vara para que suportasse o peso da nova foice. Dona Izabel amolou a lâmina antes de colocá-la novamente na vara.

Figura 10 - Foice sendo amolada



Figura 11 - Dona Izabel



Fonte: Autora (2025)

Dona Izabel montou o instrumento com atenção e cuidado, encaixando a foice na vara e amarrando-a com firmeza para que não se soltasse com o peso do cacho. Nas imagens, é possível observar em detalhe a foice, o momento do encaixe e a amarração.

Figura 12 – Sequência do preparo da foice para a coleta do tucumã: (a) foice; (b) encaixe na vara; (c) amarração



Fonte: Autora (2025)

Devido à característica do tucumanzeiro, cheio de espinhos desde o seu caule até as suas folhas, e também no seu cacho, o contato com o cacho, como feito em algumas outras palmeiras, não é possível subindo na palmeira. Com isso, o uso desse instrumento é essencial, sendo seu contato feito com intermédio de outras ferramentas. Segundo o Sr. Nilsinho, por ser uma palmeira melindrosa, é preciso ter cuidado com seus espinhos. Dona Izabel montou a vara com a foice, e seguimos novamente para o tucumanzeiro.

Embora existam várias palmeiras de tucumã no sítio, naquele dia íamos coletar apenas de uma cujo fruto já havíamos provado e estava bom. Havia dois cachos, em lados opostos na palmeira. Colocamos a lona embaixo da árvore, abrindo-a ao máximo para recolher os frutos que caíssem, que raramente se solta na primeira tentativa. Sabíamos que alguns frutos poderiam escapar da área coberta. O cacho escolhido foi o da direita, por indicação de Dona Izabel. Retirá-lo exigia habilidade, pois a foice precisava ser encaixada no ponto exato. Como o Sr. Nilsinho estava com dor no ombro, coube a Dona Izabel manejar a foice e soltar o

cacho, enquanto os frutos se espalhavam pelo chão, dentro e fora da lona. O casal comentou que, em algumas ocasiões, precisaram contratar ajuda, pois o esforço exigido é grande e, com a idade, tornou-se ainda mais difícil.

Figura 13 – Coleta do tucumã: Sr. Nilsinho com a vara Figura 14 -Dona Izabel com a vara



Fonte: Autora (2025)

Após a retirada do cacho, começamos a coletar os frutos caídos no chão. É necessário “debulhar” os frutos do cacho com uma faca afiada, um procedimento que exige muito cuidado devido à quantidade de espinhos. Em seguida, retiramos os cabinhos (pedicelos), que sustentam cada fruto no cacho e que, na maioria das vezes, ainda permanecem grudados aos tucumãs.

Figura 15 - Cacho de tucumã após coleta



Fonte: Autora (2025)

Às vezes, quando o fruto cai, o cabo se solta sozinho, revelando o “bico”, a pontinha que indica a cor do fruto. Se estiver amarelo, significa que está maduro. Após a coleta, observamos os frutos e percebemos que alguns ainda presos estavam comidos, restando apenas o cabinho. O Sr. Nilsinho e Dona Izabel explicaram que provavelmente aves haviam consumido esses frutos. O Sr. Nilsinho comentou que já avistou papagaios sobre o tucumanzeiro. Nas imagens a seguir, é possível observar os bicos e os tucumãs já consumidos.

Figura 16 – Tucumãs recém-coletados



Fonte: Autora (2025)

Figura 17 – Tucumã roído por aves



Fonte: Autora (2025)

Dona Maria Izabel explicou que, após a derrubada do cacho com frutos maduros, eles ainda podem não estar prontos para consumo, pois a polpa ainda pode estar firme. Em seguida, reunimos todos os frutos em baldes para lavagem.

Figura 18 – Lavagem do tucumã



Fonte: Autora (2025)

O Sr. Nilton realizou a lavagem, e os frutos foram então colocados para escorrer na caçapa (uma caixa plástica grande vazada), onde permaneceram durante o dia até a noite, quando foram cobertos com um pano para evitar que outros animais se alimentassem deles. O processo de escorrimento dura cerca de um ou dois dias. Caso o tucumã ainda não esteja suficientemente mole no momento da coleta, esse procedimento permite que ele amadureça adequadamente para consumo ou venda.

A cena da coleta que acompanhei evidencia que o processo não se limita à ação humana. O corpo espinhento do tucumanzeiro exige que os coletores recorram a intermediários técnicos, como foice, luvas e gestos aprendidos, para conseguir acessar os frutos. Nesta cena, outros seres também se fazem presentes: os muruins que picam durante a coleta, as formigas que circulam pelos cachos e os vestígios de aves que já bicaram os frutos.

Nesta cena, a experiência da coleta revela o que Anna Tsing denomina “socialidade mais que humana” (2019, p. 119), na qual outros seres não humanos estabelecem relações e, portanto, são sociais, influenciando práticas como a da coleta do tucumã. Formigas e aves não “conversam” em linguagem verbal, mas sua agência se manifesta pelos rastros que deixam, pelos incômodos que causam e pelos frutos que compartilham ou disputam com os agricultores. Durante minha estada no Sítio Belém, não presenciei reclamações sobre esse compartilhamento, embora relatos indiquem que nem sempre a convivência é harmoniosa. Como lembram Van Dooren, Kirksey e Münster (2016), vidas humanas e modos de vida não podem ser compreendidos de forma isolada.

A coleta do tucumã revela concretamente essa ideia: trata-se de um evento relacional em que humanos, plantas, clima e insetos participam conjuntamente.A prática dos agricultores demonstra que eles não se limitam a “coletar”; suas ações são orientadas pelos sinais da planta, guiadas pelas manifestações do tucumanzeiro, como a saída da boneca (termo local para a emergência da espata) e os indícios de maturação. Aprendem na prática que coletar envolve também esperar e observar, seguindo o que o tucumanzeiro indica, mostrando que a atividade não depende apenas da ação humana.

3.2. Quando o caroço vira muda: histórias compartilhadas do tucumã

Neste tópico, abordo o início da vida da palmeira tucumã. A muda não representa apenas o começo de uma nova planta, mas também revela como os agricultores aprenderam a propagar a espécie. No Sítio Belém, não havia tucumanzeiros nativos quando a família de Dona Izabel chegou, o que tornou a produção de mudas uma prática comum. Essa experiência faz de Dona Izabel uma interlocutora fundamental, pois suas mudas circulam junto com os saberes locais, evidenciando diferentes técnicas de plantio. Entre os agricultores que acompanhei, cada um possui um método particular de produzir mudas. Apresento aqui os exemplos de Dona Izabel e do Sr. Moura, conhecido durante uma visita de verificação com a equipe da REMA (Rede Maniva de Agroecologia), também na área rural de Rio Preto da Eva.

Em uma conversa informal, o Sr. Moura relatou que busca acelerar o processo de quebra da dormência do fruto. Ele coloca o caroço por cinco minutos na água quente e depois na água fria, tentando induzir uma resposta através do contraste térmico. Esse choque simula condições naturais de variação climática pelas quais a semente passaria em seu processo natural. Após o choque de temperatura, ele seca o caroço com um pano e em seguida o coloca no saquinho de muda.

As práticas de germinação do tucumã revelam uma profunda compreensão da agência não humana e dos tempos ecológicos. Durante a visita a outro sítio, um agricultor demonstrou conhecimento detalhado sobre a espécie, enfatizando a necessidade de luz solar intensa. No que diz respeito ao plantio, destacou a importância de respeitar o processo natural das plantas. Segundo esse agricultor, o ideal é respeitar o tempo natural da semente, permitindo que ela rompa a dormência lentamente, como ocorre com a cutia, que enterra o caroço no solo. A cutia é um roedor terrestre e diurno amplamente presente na Amazônia, conhecida por enterrar caroços, especialmente de tucumã, em diferentes pontos da floresta onde vive, com a intenção de retirá-los para consumo posterior. Muitas dessas sementes, porém, não são desenterradas e acabam germinando, o que faz da cutia um dos principais dispersores naturais de palmeiras amazônicas, como o tucumã (*Astrocaryum aculeatum*) (JORGE, 2007; SHANLEY et al., 2005).

Ao carregar e enterrar os caroços, a cutia participa ativamente da regeneração das florestas e da manutenção da diversidade vegetal, interagindo com outras espécies frugívoras, como tucanos e papagaios, que também contribuem para a dispersão, embora de modo distinto, ao consumir a polpa e derrubar os frutos maduros. Nos sítios que visitei, esse comportamento da cutia é amplamente reconhecido pelos agricultores locais, como explicou o Sr. Valter: “as cutias vêm comer o fruto e disseminam”. Fatores abióticos, como luz e temperatura, também desempenham papel essencial nesse processo.

O agricultor ainda chamou atenção para outras espécies e sua contribuição para o crescimento das fruteiras, demonstrando compreensão clara das relações de interdependência. Como observa Anna Tsing (2019, p. 128), a interação entre humanos, tucumanzeiros e cutias demonstra que esses mundos sociais

interespecíficos são fundamentais para a criação e manutenção das paisagens florestais.

Para Dona Izabel, o consumo do fruto é muito importante, pois é a partir dele que se selecionam os caroços que se tornarão mudas. Apenas os frutos mais doces e com maior volume de polpa são escolhidos. Nem todos os frutos consumidos no sítio se tornam mudas; os demais podem ser lançados em diferentes áreas, seguindo caminhos incertos e podendo ou não se transformar em plantas adultas. Há, portanto, uma preferência pelos frutos destinados à produção de mudas. Eles recebem cuidado diferenciado, ganhando maior atenção e oportunidade de se transformarem em novas plantas, com o objetivo de perpetuar os melhores tucumanzeiros. Após a seleção e consumo, o caroço é colocado para secar.

> “A muda de tucumã eu faço assim: tiro o caroço, deixo secar na sombra, coloco na leira de semente. Quando começa a brotar, passo para o saquinho. Depois vai para a terra preparada.” Dona Izabel, 2025.

Figura 19 - Caroços de tucumã



Fonte; Autora (2025)

O tempo médio para germinação dos caroços, segundo Dona Izabel, é de cerca de um ano. Ela realiza esse processo acompanhando o desenvolvimento das plantas desde a secagem até o momento em que estão prontas para o plantio. Primeiro, os caroços secam na sombra por aproximadamente um mês e meio, em lugar coberto. Depois, são colocados na leira de mudas, que no caso das sementes não corresponde à leira tradicional do roçado. Trata-se de um canteiro suspenso feito em madeira, onde Dona Izabel acomoda a terra e organiza os caroços com cuidado. Sobre a estrutura, ela estende uma telinha com pequenos furos que protege as mudas da chuva forte e dos animais, sem impedir a passagem de luz e ar. Assim que começam a brotar, são transferidos para o saquinho de muda, utilizando o que Dona Izabel chama de terra preta preparada. Ela explica que recolhe essa terra no próprio Sítio Belém e a enriquece com biofertilizante, cinza, pó de carvão e, quando tem, farofa de casca de ovos com folha de mamona. Quando o broto atinge cerca de 80 centímetros, Dona Izabel o considera pronto para o plantio definitivo.

Figura 20 - Saquinhos de terra



Figura 21- mudas de tucumas e outras frutiferas



Fonte: Autora (2025)

Na imagem acima é possível observar parte do processo de produção de mudas no Sítio Belém. Inicialmente, os saquinhos contêm apenas a terra preparada por Dona Izabel. Na foto ao lado, que mostra mudas de tucumã em estágio mais avançado, é possível ver que elas crescem acompanhadas por outras espécies frutíferas e medicinais. Mesmo que Dona Izabel não recorde exatamente quais aparecem na imagem, ela costuma cultivar, além do tucumã, mudas de açaí, biribá, graviola, andiroba, caju, manga (das variedades quilo e massa), cupuaçu, café e diversas plantas medicinais. O conjunto revela a diversidade de espécies que compõem o cotidiano do Sítio Belém.

A imagem das mudas dispersas pelo chão, umas ao lado das outras, revela como a vida do tucumã, mesmo em seu estágio inicial, já se dá em convivência com diferentes presenças, um verdadeiro “berçário de relações”. A fotografia mostra um pouco dessa “infância” das futuras frutíferas, que mais tarde alimentarão outros seres. Quando Dona Izabel me apresentou as mudas, foi explicando seus modos de fazer: as experiências, os testes, as tentativas. Também contou sobre as trocas de saberes com outros membros da comunidade, com quem aprende na prática, repetindo, testando e observando ao longo dos dias no sítio. Assim como as mudas crescem em companhia, o saber de Dona Izabel também floresce em convivência, enraizado nas relações com pessoas, plantas e ambientes.

Essa convivência entre as mudas reflete a lógica que orienta o Sítio Belém: uma forma de organizar a vida vegetal sem separações rígidas, em que as espécies crescem lado a lado, trocando sombra e umidade. Diferente da monocultura, que aposta na repetição e no isolamento, a agroecologia praticada no sítio segue outro caminho. Não se trata de uma leira apenas de tucumanzeiros, nem de uma plantação de uma única espécie, mas de um espaço em que a diversidade é princípio e prática. A imagem, portanto, traduz um gesto contrário à uniformidade: o cultivo do diferente como modo de vida.

Inspirada por Anna Tsing (2019), que convida a reconhecer a vitalidade material e a considerar as plantas como agentes, reflito aqui sobre a agência das mudas. Elas não apenas crescem, mas também atraem: aproximam insetos, fungos e formigas, participando de uma rede de relações que ultrapassa o humano. Essa rede multiespécies está documentada também na literatura científica, que registra

exemplos da atuação de seres frequentemente considerados pragas. Lunz et al. (2010) relatam, por exemplo, o primeiro registro do pulgão Cerataphis brasiliensis em mudas de tucumanzeiro no Brasil, um inseto sugador que avança sobre folhas jovens e forma colônias densas. Embora esse pulgão costume atacar mudas de açaizeiros, foi observado também em tucumanzeiros, especialmente onde há ninhos de formigas Solenopsis spp. na base das plantas, atraídas pela substância adocicada liberada pelos pulgões (OLIVEIRA et al., 2002, apud LUNZ et al., 2010).

No Sítio Belém, a prática de Dona Izabel, que inclui o manejo cuidadoso das mudas e a ausência de pragas como o pulgão durante o período de observação, pode ser compreendida como uma busca por equilíbrio multiespécies. Durante minhas visitas entre 2024 e 2025, observei que as mudas se encontram sob a sombra de outras árvores, o que as protege da luz direta do sol e da chuva intensa. Elas permanecem, assim, em equilíbrio entre luz e sombra, uma condição que favorece o crescimento e ao mesmo tempo atrai diferentes formas de vida, revelando a vitalidade e a interdependência que caracterizam esse espaço de cultivo.

Figura 22 - muda de tucumã



Fonte: Autora (2025)

3.2.1. O tempo da planta e o tempo da casa: trabalho, rotinas e espera

O tempo longo de germinação da planta também organiza o tempo humano. Dona Izabel ajusta suas expectativas ao período em que a muda de tucumã ficará pronta para ser plantada, doada ou vendida. Nesse processo, ela observa as respostas da espécie: quando brota, quando cresce, quando necessita de água ou de sombra. Essas respostas fazem com que a agricultora mobilize trabalhos e ações em função da agência da planta.

Enquanto aguarda esse tempo da planta, sua rotina segue um ritmo marcado pela fé e pelo trabalho. Dona Izabel costuma acordar cedo, preparar o café e fazer suas orações antes de iniciar as atividades do dia. Essa primeira pausa, entre o silêncio da manhã e o início do trabalho, parece anunciar o compasso das horas no sítio. Em alguns dias de campo pude acompanhar esse início, momento em que a vida comum revela, aos poucos, seus significados.

Depois das orações, ela vai dar comida pros bicos, como chama os patos, galinhas, pintinhos e galos. Essa tarefa, repetida todas as manhãs, é também uma forma de observar o tempo e o clima: o sol que começa a aquecer, o cheiro da terra úmida ou seca e o som dos bichos que anunciam o início do dia. Quando ela não pode ir, o Sr. Nilton ou o Sr. Nilsinho assumem o cuidado. Em algumas ocasiões, Dona Izabel prende os cachorros em suas casas, pois durante a noite eles ficam soltos pelo sítio, embora isso não seja uma regra, já que nem sempre precisam ficar presos.

O verão, segundo Dona Izabel, é o período de maior movimento no sítio. É tempo de manejo, de abrir novas roças, de adubar a terra e de preparar as caldas bordalesas usadas no cuidado das frutíferas. Já no inverno, o ritmo desacelera. Com as chuvas, os dias são voltados ao cuidado doméstico e às pequenas intervenções nas leiras e nos galinheiros. No verão, Dona Izabel dedica-se a regar as leiras de hortaliças e as frutíferas, observando se cada espécie está dando bem. Muitas vezes adapta o modo de fazer conforme a resposta das plantas, aprendendo pela experiência, observação e troca com os vizinhos da comunidade São Francisco de Assis.

Em alguns períodos, quando as frutas estão maduras, ela realiza pequenas colheitas, parte para o consumo da família e parte para vender na feira, ajustando as idas à cidade conforme o ritmo da produção. Lembro-me de que, na época do cupuaçu, ela passava algumas horas retirando a polpa dos frutos para congelar e conservar por mais tempo, já que nem sempre conseguia ir até Manaus para realizar a venda.

Além das tarefas no sítio, Dona Izabel participa ativamente das reuniões da REMA. Em 2025 acompanhei seu trabalho como coordenadora do grupo, quando distribuía sementes recebidas nas plenárias, compartilhava saberes e discutia planos de manejo com outros agricultores. Essas atividades ampliam o tempo da espera, pois, enquanto o tucumã amadurece, circulam pessoas, histórias e conhecimentos. Assim, o tempo da germinação não é um intervalo ocioso, mas um período fértil, preenchido por gestos, rezas, cuidados e trocas que fortalecem tanto as relações humanas quanto as ecológicas.

Dona Izabel é ministra da palavra na Igreja Católica, uma função leiga responsável por conduzir orações e celebrações quando não há padre. A capela foi construída em um espaço cedido dentro do próprio Sítio Belém, como é possível ver no croqui do Capítulo 1.

Figura 23 - Capela em construção (2024)



Fonte: Autora (2024)

Os materiais, como tábuas, pregos e telhas, foram doados pelos moradores da comunidade São Francisco de Assis e por membros da Igreja Católica de Rio Preto da Eva. A construção surgiu da necessidade de um espaço católico na comunidade, onde predominam igrejas evangélicas. Assim, a capela tornou-se um símbolo de união e persistência, erguida com trabalho compartilhado, fé e cuidado. Entre os que participaram estavam também familiares próximos, como Dona Heloísa e o senhor Antônio César, cunhada e cunhado de Dona Izabel, que moram ao lado do sítio. Em uma das minhas visitas, cheguei a ajudar na pintura da capela com Dona Heloísa, a quem havia conhecido anos antes na feira da REMA, na ASSINPA, em Manaus.

Figura 24 - Dona Heloísa pintando a capela



Fonte: Autora (2024)

A capela fica próxima a algumas frutíferas e às plantas do Sítio Belém, de modo que o cheiro da terra e o canto dos pássaros acompanham as rezas. Foi ali que conheci diversas pessoas da comunidade, incluindo moradores que não fazem parte do grupo de agricultores orgânicos da REMA. Durante o período de campo

participei de alguns novenários, momentos em que fé e convivência se entrelaçam, fortalecendo os laços entre os moradores. Nessas ocasiões, a religiosidade se mistura ao cotidiano, e as pessoas conversam sobre as novidades, o clima, as plantações e os acontecimentos da semana. Como algumas casas e ramais são distantes, os encontros religiosos também funcionam como espaço de atualização da vida comunitária. É comum ouvir comentários como “você viu a chuva dessa semana, derrubou uma árvore lá no outro ramal”, “já começou a cair o tucumã, próximos dias já vamos coletar” ou “essa época de chuva chama muita cobra, encontrei uma na cozinha da nossa casa”.

Figura 25 - Fim da novena



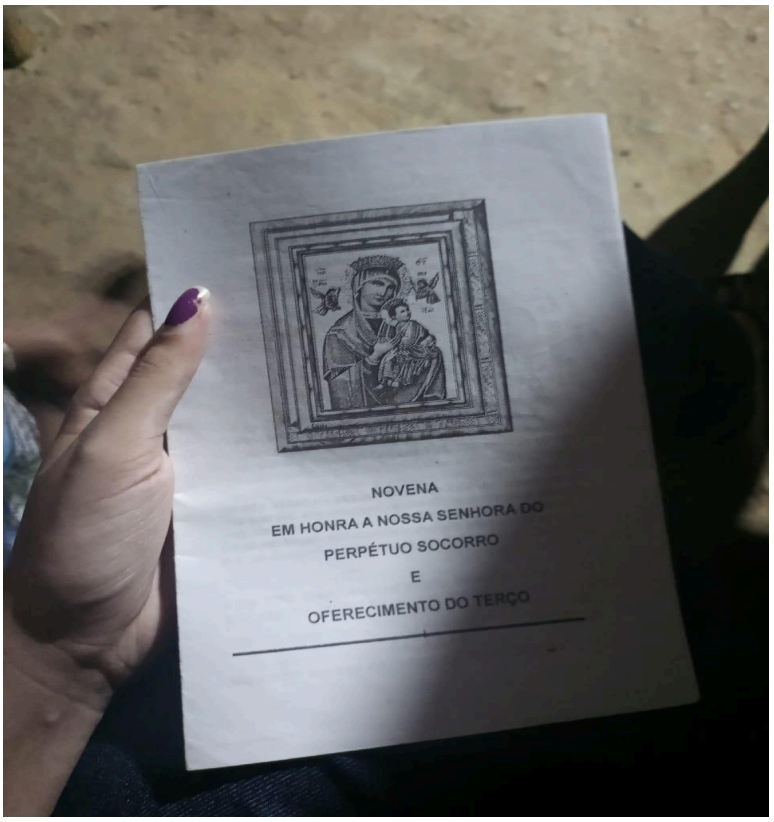
Fonte: Autora (2024)

As novenas são organizadas principalmente pelas mulheres da comunidade, que se revezam na preparação e condução das orações. No período em que estive presente, Dona Heloísa tinha papel central nesse processo. Ela coordenava as rezas, distribuía as leituras e cuidava da ornamentação do altar. Nessas noites, a capela se enchia de gente, de vozes e, algumas vezes, de café e comida partilhada.

A fé, nesse contexto, não se separa da vida cotidiana, mas compõe o cuidado mútuo, a troca de notícias e a continuidade das relações.

Em uma dessas novenas, Dona Izabel me apresentou à comunidade antes do início das orações. Sentei-me ao lado de Dona Iracema, que, ao saber que eu pesquisava as relações em torno da coleta do tucumã, contou que no terreno de seu filho havia uns cinquenta pés de tucumã e me convidou para visitar a propriedade em outra ocasião, o que infelizmente não foi possível pela distância e pela falta de transporte. Após a novena conversei com o senhor Antônio César, esposo de Dona Heloísa e cunhado de Dona Izabel. Ele mencionou que outro casal presente também possuía pés de tucumã. Falamos sobre os diferentes modos locais de classificar a espécie: tucumã-arara, rajada e bicudinho. O senhor Antônio César comentou que a maioria das pessoas, inclusive ele, prefere o tucumã-arara, embora ainda não tenha essa variedade em seu terreno. Essas interações mostram que o Sítio Belém faz parte de uma rede de parentesco, vizinhança e fé. As novenas e encontros na capela fortalecem os laços entre as famílias, unindo trabalho, espiritualidade e convivência cotidiana.

Figura 26 -Folheto Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



Fonte: Autora (2024)

3.3. Circuito de mudas

A troca de mudas entre os agricultores é frequente, evidenciando redes de cooperação que fortalecem as práticas de cultivo. Em minhas visitas à feira em Manaus, notei o grande interesse dos agricultores pelas diferentes espécies e variedades de plantas. Essas trocas envolvem mudas diversas, incluindo frutíferas como o tucumã, plantas medicinais e até tipos de capim utilizados no manejo dos quintais.

Na rotina da comunidade São Francisco de Assis, essa valorização da diversidade das espécies se manifesta de forma cotidiana, demonstrando a relevância do enriquecimento da diversidade para os agricultores. Essa prática lembra o que Manuela Carneiro da Cunha (1999) descreve sobre as viagens pelos rios e igarapés da Amazônia, nas quais observa que as companhias de viagem, especialmente as mulheres, realizam trocas de mudas e sementes ao longo do percurso. A autora afirma: “Essas plantas guardam sua história, sua origem é lembrada, e são muitas vezes semeadas em áreas separadas dos roçados. Cada roçado torna-se assim um mini-jardim botânico.” (CARNEIRO DA CUNHA, 1999, p. 160). Durante minha pesquisa com os agricultores na comunidade, percebi algo semelhante: nas visitas de verificação dos sítios, as conversas sobre o que cada um tem plantado acabam gerando novas trocas de mudas e experimentações, revelando o “gosto pela diversidade” que caracteriza essas populações.

Dona Izabel explicou que nem todas as mudas de frutíferas e plantas em geral permanecem no sítio. Ela cultiva e compartilha diversas espécies, incluindo frutíferas como o tucumã. Algumas são vendidas na feira em Manaus, enquanto outras são trocadas ou distribuídas em sua residência, na comunidade São Francisco de Assis. Ela também costuma presentear agricultores iniciantes, que ainda não possuem muitas frutíferas, além de pessoas próximas. Para ela, o objetivo é que esses agricultores tenham acesso a mais variedades, e ela se sente feliz por contribuir com outros sítios.

As mudas e sementes de diferentes espécies, como tucumã, rambutan, ingá e cupuaçu, circulam entre quintais, cidades, feiras e instituições, carregando os saberes associados ao Sítio Belém. Pelo relato de Dona Izabel, percebemos que a

muda não circula isoladamente. Junto com ela são compartilhadas orientações práticas sobre o manejo, como equilibrar sombra e sol, regar mais no verão e menos no inverno. Esse aprendizado é feito “no olho”, nas palavras da agricultora. São experimentações que se transformam em regras práticas, transmitidas entre agricultores.

Dona Izabel contou que já doou sementes para o Sítio Ebenézer, de propriedade do Sr. Valter, incluindo rambutan, ingá, cupuaçu e tucumã. Além dessas trocas locais, ela também participa das plenárias da REMA (Rede Maniva de Agroecologia), onde, segundo ela, “tem troca de sementes duas vezes por ano, já é tradição”. Nessas ocasiões, costuma levar espécies como biribá, cupuaçu, andiroba e graviola, contribuindo para a circulação de variedades e o fortalecimento das práticas agroecológicas.

Em meio a essas trocas, o mutirão aparece como um momento central na dinâmica de circulação de mudas e de saberes. É nessas ocasiões que o trabalho coletivo se soma ao compartilhamento de plantas, experiências e apoio entre os agricultores. Dona Izabel explica como essa prática acontece no grupo: o mutirão é uma ação coletiva que ocorre principalmente em sítios de agricultores que estão precisando de algum tipo de ajuda, seja para abrir um novo roçado ou para realizar uma construção. De acordo com ela, o mutirão é planejado com antecedência: “Vai ter mutirão em tal lugar, vamos na propriedade do fulano, de ciclano” (DONA IZABEL, 2025). Dependendo da quantidade de agricultores que podem participar, todos se reúnem para trabalhar na roça, fazer a limpeza ou o que for necessário, conforme a orientação do dono da propriedade. Ela relata que passam o dia inteiro no local: trabalham, almoçam, retomam o serviço e, ao final da tarde, merendam antes de voltar para casa. Em outro momento, o mutirão é feito em outra propriedade, e assim por diante.

O mutirão também é conhecido como ajuri, segundo Dona Izabel. Ajuri é uma palavra de origem tupi, formada por “a” (eu) e “iúri” (vem, vir), significando algo como “eu vim ajudar”. Essa prática é comum nas comunidades tradicionais da Amazônia, mobilizando a ajuda mútua entre famílias agricultoras (MERIGUETE; ARAÚJO; SOUSA, 2016). Mais do que um simples trabalho coletivo, esses encontros fortalecem os laços entre os agricultores e constituem momentos em que mudas e

sementes circulam entre as propriedades, reforçando a dimensão coletiva da agroecologia. Dona Izabel comenta que já presenteou muitas pessoas com mudas de tucumã nesses momentos, além de outras frutíferas.

Embora nem sempre haja troca direta de mudas com o Sr. Valter, há uma circulação constante de saberes e apoio entre eles. Ao falar sobre as variedades de tucumã conhecidas, o Sr. Valter mencionou a variedade sangue-de-boi, que só conheci durante o trabalho de campo no Sítio Belém. Essas práticas de troca e circulação de mudas revelam que o cultivo vai além da produção de alimentos, tornando-se uma forma de construir vínculos, partilhar conhecimentos e manter viva a diversidade agrícola e cultural presente nas comunidades.

3.4. Venda e instituições

As trocas de mudas, principalmente de tucumã e outras frutíferas, mas também de sementes e estacas, geralmente ocorrem durante as visitas de verificação, já que Dona Izabel participa do grupo de produtores orgânicos apoiado pela REMA (Rede Maniva de Agroecologia), organização que conecta produtores rurais e instituições voltadas para a agroecologia no estado do Amazonas. Nessas ocasiões, Dona Izabel também costuma presentear outros agricultores com mudas. Tive a oportunidade de acompanhar esse processo durante o período do mestrado.

A REMA atua apoiando diversas feiras de produtos orgânicos, especialmente na cidade de Manaus. A equipe é composta por voluntários organizados, incluindo técnicos, pesquisadores, professores, profissionais de diferentes áreas e agricultores familiares. Para integrar o grupo de produtores orgânicos, é necessário cumprir certas exigências burocráticas. As visitas servem para avaliar se o agricultor está apto a ingressar no grupo e atuar no ramo de orgânicos. As Organizações de Controle Social (OCS) sustentam essa dinâmica, reunindo agricultores que assumem conjuntamente a responsabilidade pelo cumprimento das normas de produção orgânica. As verificações são conduzidas pelos próprios membros da rede, que visitam os sítios, observam o manejo e discutem ajustes necessários. Esse processo de avaliação mútua transforma a confiança social em garantia de qualidade, reforçando a aprendizagem coletiva entre agricultores e técnicos.

A Rede Maniva de Agroecologia é resultado de um movimento social que existe desde 1999, mas foi consolidado em 2009, em prol da construção, otimização e fortalecimento da agroecologia no estado do Amazonas (WANDELLI et al., 2015). Atua diretamente na formação social das famílias agricultoras, desde a capacitação na produção de alimentos até o acesso à certificação participativa, construindo coletivamente conhecimentos agroecológicos por meio de cursos, oficinas, assembleias populares e aprendizados de campo.

Quando produzidas para venda, as mudas geralmente custam cerca de 15 reais cada uma. Instituições como o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) já adquiriram mudas de Dona Izabel, assim como a REMA, que comprou mudas selecionadas de tucumã. Além disso, as mudas são vendidas na feira da REMA, em Manaus, realizada uma vez por semana, e também na residência de Dona Izabel, na comunidade. Em janeiro de 2025, a feira, que até então estava sendo realizada na sede da ASSINPA, voltou a acontecer no prédio do INCRA, retomando o local utilizado em 2019. Apesar das mudanças de endereço ao longo dos anos, trata-se da mesma feira de produtos orgânicos organizada pela REMA. Durante eventos, como a feira de empreendedorismo do SEBRAE, as mudas são exibidas ao público e cuidadas diariamente pelos agricultores até o encerramento da feira.

Figura 27 - Feira da REMA realizada na sede da ASSINPA.



Fonte: Autora (2022)

Esse processo evidencia não apenas a circulação econômica das mudas, mas também as redes de cuidado que conectam diferentes lugares e atores, mostrando como o tucumã permanece presente em múltiplas escalas de interação entre humanos e plantas. As mudas, portanto, não apenas marcam o início de uma nova palmeira, mas também revelam as redes de relações que as sustentam e permitem que sigam caminhos imprevisíveis.

3.5. Deixar viver: exceções e negociações com as plantas

Próximo às leiras de hortaliças, pude notar dois tucumanzeiros jovens. Não eram mudas recém-plantadas, mas também ainda não haviam atingido a maturidade, que leva em média sete anos. Eles me chamaram atenção porque não vi outros tucumanzeiros tão próximos às leiras, já que geralmente não são plantados no meio de um roçado. Ao perguntar sobre eles, Dona Izabel explicou que possuem cerca de quatro anos e, por ainda não terem atingido a maturidade, não produzem frutos. No sítio não é comum manter palmeiras nas áreas de leiras, especialmente o tucumanzeiro, por causa dos espinhos, já que nesse espaço se busca manter o roçado mais aberto e de fácil circulação. Por isso, a presença desses dois tucumanzeiros representa uma exceção, resultado da escolha de Dona Izabel de deixá-los crescer. Como ela disse, “já estavam crescendo” e, segundo ela, não faria sentido arrancá-los do local.

Figura 28 - Tucumã e Taioba



Fonte: Autora (2025)

Como mostrado no croqui apresentado no primeiro capítulo deste trabalho, os tucumanzeiros estão concentrados em áreas próximas a outras frutíferas, como o cacaueiro e a pupunheira. No caso desses dois tucumanzeiros específicos, próximos às leiras, suas companhias são diferentes: junto deles crescem hortaliças cultivadas, como espinafre e couve, incluindo plantas alimentícias não convencionais, como a taioba, que pode ser vista na imagem anterior. O tucumanzeiro jovem, ainda que de porte médio, se destaca entre as hortaliças. Isso abre espaço para outras companheiras, ainda que apenas por algum tempo, já que as hortaliças têm um ciclo de vida menor do que o do tucumanzeiro. Como já citado anteriormente, a queda das folhas e os espinhos podem ser perigosos, e normalmente não se faz um roçado embaixo de um tucumanzeiro. Como eles ainda são jovens, essa convivência é permitida. A vida longa do tucumanzeiro se entrelaça com o tempo breve das espécies da roça, fazendo com que ele tenha vizinhas diferentes ao longo da vida. Ao longo do tempo, o tucumanzeiro passa a conviver também com plantas espontâneas e espécies de porte maior que se estabelecem conforme o manejo do roçado se transforma.

Essa decisão de Dona Izabel de não arrancar o tucumanzeiro quando abriu o roçado mostra como as práticas agrícolas também envolvem negociações com as plantas. Às vezes, a regra de manejo cede espaço ao gesto de deixar viver. O tucumanzeiro, nesse caso, é percebido como uma planta de valor, cuja presença é respeitada e cuja espera vale a pena. Na área, além da taioba, é possível observar uma planta rasteira que se espalha pelo chão do roçado, indicando a presença de espécies espontâneas de porte baixo que cobrem o solo. Também há outras plantas cultivadas nas proximidades, compondo um cenário diverso ao redor do tucumanzeiro jovem. A imagem desse tucumanzeiro ajuda a visualizar essa convivência, registrando sua presença ainda em crescimento enquanto divide o espaço com plantas de ciclo mais curto.

3.6. Comercialização do tucumã

As feiras de Manaus constituem o principal espaço de venda do tucumã na capital amazonense, tanto na forma de polpa quanto como fruto. É raro encontrar o tucumã em supermercados, embora, em alguns casos, seja comercializado em padarias.

O estudo “O Comércio de Frutos de Tucumã (*Astrocaryum aculeatum G. Mey – Arecaceae*) nas Feiras de Manaus”, de Adriano Amir Didonet e Isolde Dorothea Kossmann Ferraz (2014), apresenta um panorama da comercialização da polpa e dos frutos in natura nas feiras da cidade. Realizada ao longo de um ano em seis feiras, a pesquisa utilizou questionários semiestruturados. Os vendedores indicaram que os frutos vêm principalmente dos municípios de Itacoatiara, Terra Santa, Rio Preto da Eva, Autazes e da bacia do Rio Madeira. Os autores destacam que praticamente todas as partes do tucumã são aproveitadas e que os preços variam conforme a sazonalidade, elevando-se nos períodos de escassez devido à alta demanda frente à oferta limitada. Essa comercialização gera emprego e renda para muitas famílias das regiões produtoras (SCHROTH et al., 2004).

Segundo Canto et al. (2007), a partir da década de 1990 a procura pelo tucumã aumentou significativamente com a popularização do sanduíche x-caboquinho, valorizando a espécie entre os moradores de Manaus. No livro organizado por Shanley et al. (2005), no capítulo “O sanduíche de tucumã é moda em Manaus”, destaca-se que a expansão dos Cafés Regionais foi decisiva para a ampliação e a divulgação do consumo. Com isso, o tucumã tornou-se progressivamente protagonista na alimentação manauara, sendo hoje símbolo da cidade e prato de relevância culinária, também apreciado por turistas. Os autores ressaltam que, no passado, o consumo estava associado à familiaridade e experiência dos compradores, enquanto nos Cafés Regionais o fruto passou a integrar novas receitas em lanches rápidos, como pão e tapioca acompanhados de queijo e banana pacovã frita.

A praticidade do lanche tornou o tucumã mais acessível a quem não conhecia o fruto em sua forma natural. Atualmente, ele é item central nos Cafés Regionais de perfis variados, dos mais simples aos mais sofisticados. De cor chamativa e polpa oleosa, o tucumã, na forma de polpa, chama atenção nas bancas espalhadas pelas ruas. No centro de Manaus, é comum ver a venda de frutos amazônicos em diferentes pontos fora das feiras, o que mistura a paisagem urbana com a presença da floresta. Comprar o tucumã na correria do dia tornou-se parte da rotina manauara, muitas vezes sem que se imagine o caminho percorrido por esse fruto até chegar à mesa.

Para muitos manauaras, e nisso me incluo, o sabor do tucumã remete à memória dos cafés da manhã nas feiras ou nos cafés regionais feitos em família. Nas viagens pelas estradas do interior, o x-caboquinho, composto por pão com tucumã, banana pacovã frita e queijo coalho, é um dos itens mais pedidos. Há quem ame e há quem não goste, pois seu sabor é singular, às vezes difícil de explicar: as lascas de tucumã se misturam ao doce da banana frita e ao salgado do queijo coalho. Em 2019, o sanduíche x-caboquinho foi reconhecido como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Amazonas (Lei nº 5.003, de 11 de novembro de 2019), reforçando sua importância cultural e simbólica.

Esse panorama evidencia como o tucumã transita entre economia, cultura e identidade urbana, conectando a capital a diferentes áreas rurais produtoras. Em Manaus, ele se apresenta como símbolo regional e produto de mercado. No Sítio Belém, sua circulação segue outras lógicas, orientadas pela agroecologia e pelas escolhas da família agricultora.

Essa dinâmica comercial mais ampla, centrada em Manaus, mobiliza forças econômicas que impactam de maneira distinta as diferentes localidades produtoras. Nas maiores feiras da cidade, como a Manaus Moderna e a Feira do Produtor, muitas vezes quem vende o tucumã não é o agricultor que fez a coleta, mas atravessadores que compram os frutos de coletores e os revendem aos feirantes.

No caso do Sítio Belém, a inserção nesse mercado não ocorre de forma direta ou em larga escala, mas de modo particular, orientada pela lógica agroecológica e pelas escolhas da família agricultora. A produção é feita em pequena escala e a participação nas feiras acontece por meio da REMA. No cotidiano, a família decide se vale mais a pena vender, guardar ou consumir o fruto.

Quando os conheci, em 2019, a feira era a principal fonte de renda da família. Hoje, com a aposentadoria, essa dependência diminuiu, mas para Dona Izabel é inegociável manter o cultivo e a comercialização dentro dos princípios agroecológicos. Assim, no Sítio Belém, o trabalho com o tucumã envolve negociações diárias entre as exigências do mercado e o modo de vida que orienta o cultivo no sítio.

No caso da família de Dona Izabel, com a qual pude acompanhar mais de perto o processo envolvendo o tucumã, a comercialização se dá de forma diversificada. Quando conheci o casal na feira da ASSINPA, em Manaus, eles já vendiam diversas espécies, incluindo o tucumã. Dona Izabel integra essa organização, assim como outros agricultores, e a Rede Maniva de Agroecologia tem papel relevante no apoio aos agricultores orgânicos do estado. A venda dos frutos se assemelha, em parte, à das mudas: não segue um modelo único, como no sistema de monocultura em que a comercialização ocorre para empresas ou instituições previamente contratadas. No Sítio Belém, a venda varia conforme as possibilidades da família, quando podem ir à feira ou quando se deslocam até a cidade de Rio Preto da Eva ou a Manaus.

Assim como ocorre com outras espécies, nos períodos de maior coleta o tucumã mobiliza os agricultores do Sítio Belém a um esforço redobrado para levar o produto às feiras. Dona Izabel sempre ressalta: “quando não tem produção, minha filha, não tem como ir para a feira, pois é prejuízo”. A ida à feira envolve uma série de preparativos: é necessário coletar o tucumã, lavá-lo, organizá-lo nas caçapas e planejar a logística familiar no sítio, levantando-se cedo e verificando as condições do veículo para a viagem de aproximadamente 90 km até a capital. Para vender na feira da REMA, é preciso integrar o grupo de agricultores da rede, que passa por visitas de verificação ao longo do ano. Essas visitas fazem parte do Sistema Participativo de Garantia (SPG), um processo coletivo no qual agricultores e técnicos visitam os sítios, observam o manejo e trocam experiências sobre as práticas de cultivo. Todo o procedimento é validado pelo Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade (OPAC), credenciado junto ao Ministério da Agricultura (MAPA), responsável por reconhecer oficialmente a produção dentro dos princípios da agroecologia. Durante o período da pesquisa, essa era a principal forma de venda praticada pela família, revelando que o transporte do tucumã até os pontos de comercialização exige organização, cuidado e planejamento.

Além da feira, os tucumãs também são comercializados na casa da família de Dona Izabel e Seu Nilsinho, em Manaus. O casal mantém duas residências: uma no sítio e outra no bairro da Aparecida, na capital. Nessa casa de Manaus moram o irmão, o filho e o neto de Dona Izabel, o que mantém o espaço sempre em movimento. A vizinhança sabe que eles possuem um sítio com tucumanzeiros, e por

isso é comum que, quando o casal se desloca à capital para visitar familiares ou resolver pendências, leva frutos para vender aos vizinhos. Já os parentes costumam receber o tucumã e outras frutas como presente. Dona Izabel comenta que essa prática é bastante comum. Às vezes, também vendem a moradores da comunidade próxima ao sítio. Durante minha estadia no Sítio Belém, ganhei três quilos de tucumã e outra parte da colheita foi levada por Dona Izabel para parentes em Manaus. Assim, o destino do tucumã nem sempre é o comércio. Para essa família, a venda do fruto não constitui a principal fonte de renda, o que modifica a relação com o tucumã, inserindo-o numa rede de trocas e afetos que envolve parentes, vizinhos, instituições e feiras, sem que sua lógica de manejo se restrinja apenas à produção para renda.

O caso do Sítio Belém, onde realizei esta pesquisa, mostra como o tucumã circula em diferentes escalas, entre parentes, vizinhos, feiras e redes agroecológicas, sem se restringir apenas à lógica do mercado. Em Manaus, o fruto é símbolo culinário e patrimônio cultural; já no cotidiano dos agricultores, ele percorre caminhos variados de uso, troca e venda, conectando campo e cidade. Essa circulação revela que o tucumã é mais do que um produto: é um elemento que sustenta vínculos, práticas e modos de vida, articulando dimensões econômicas, sociais e afetivas. Essa rede viva, tecida em torno do fruto, ajuda a compreender a força simbólica e relacional que o tucumã assume no cotidiano amazônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu realizar um estudo antropológico sobre as relações entre humanos e não humanos a partir do tucumã, na comunidade São Francisco de Assis, no município de Rio Preto da Eva (AM). Ao acompanhar práticas ligadas ao fruto, como a coleta, os modos de conhecer a espécie entre agricultores e a circulação de mudas a partir do Sítio Belém, foi possível compreender o tucumã para além do alimento, como um agente que conecta diferentes espaços, temporalidades e espécies.

Neste percurso, busquei dar voz aos agricultores. Dona Izabel, junto de sua família, tornou-se a principal interlocutora da pesquisa. A partir dela, foi possível acessar saberes sobre o tucumã e mostrar como essa espécie mobiliza os humanos. Esta pesquisa partiu de um questionamento: o que o tucumã provoca ao seu redor? A trajetória percorrida mostrou que este fruto mobiliza gestos de cuidado, impulsiona trocas econômicas e afetivas, e consolida práticas culturais.

No primeiro capítulo, busquei compreender o contexto do Sítio Belém e como o tucumã está nele inserido, a partir dos modos locais de classificar o fruto e das primeiras observações em campo. Ao me debruçar na literatura, encontrei a nomenclatura mais comum, tucumã-do-Amazonas, em referência à espécie predominante no estado. No entanto, logo percebi que, para os agricultores, outras formas de classificação emergem a partir da prática e do cotidiano.

O momento do aparecimento da “boneca” revelou-se central, funcionando como marcador de tempo, expectativa, cuidado e até felicidade. É o sinal de maturidade da palmeira que finalmente dará frutos. Já o croqui elaborado por Dona Izabel mostrou a paisagem do sítio como uma rede viva, onde caminhos, leiras, árvores e animais estão em constante transformação.

A classificação local do tucumã, distinta da botânica, trouxe à tona categorias próprias, fundadas na experiência prática. Cada agricultor nomeia os frutos a partir de suas características, como tucumã sangue-de-boi, tucumã arara, tucumã casca de jabuti, tucumã miudinho e tucumã ararinha. Ainda que todos sejam “tucumãs”, recebem nomes que marcam diferenças percebidas no manejo e na relação cotidiana com a planta.

A coleta foi um dos momentos mais esperados da pesquisa. Nas primeiras idas ao Sítio Belém, não consegui acompanhar esse processo, apenas em meu último campo, em 2025. As caminhadas pela mata para verificar os frutos evidenciaram o tucumã como ponto de encontro entre agricultores, ferramentas, espinhos e clima. A coleta exige força e cuidado, mas também gera trocas e aprendizados. Nunca ocorre de maneira idêntica, mas no Sítio Belém ela nunca é solitária: sempre mobiliza pessoas, constituindo um momento coletivo.

O percurso do caroço até a muda revelou temporalidades distintas. Enquanto o mercado demanda rapidez e produtividade, o tucumã estabelece um ritmo próprio, lento, de germinação e crescimento. Já as redes de circulação de mudas mostraram diferentes formas de troca, partindo do Sítio Belém e das práticas de seus agricultores. Essas trocas incluem presentes a vizinhos, vendas ocasionais em feiras e também para instituições. Nesse contexto, as mudas não circulam apenas como mercadoria, mas como gestos de solidariedade e vínculo social.

Por fim, ao tratar do mercado do tucumã, Manaus aparece como centro de demanda, onde o fruto se transforma em produto simbólico e cultural. Esse cenário contrasta com a escala local, em que a comercialização ocorre de forma mais modesta e vinculada às escolhas agroecológicas da família agricultora.

Com esse olhar a partir das Etnografias Multiespécies, fiz o exercício de ver o tucumã como agente e não como recurso natural. O foco não é o seu produto final nas feiras da cidade de Manaus; a feira foi apenas o ponto de partida para pensá-lo. As práticas observadas no Sítio Belém permitem repensar a relação entre humanos, plantas e animais que deixam rastros, se alimentam e dispersam o tucumã. Isso evidencia que o cultivo e a circulação da palmeira envolvem múltiplas formas de convivência.

O fato de o Sítio Belém e outras áreas da comunidade não terem tucumãs no momento da chegada das famílias mostra que elas passaram a inserir as palmeiras nas áreas. Isso evidencia que a paisagem amazônica não pode ser pensada como uma natureza intocada, mas como resultado de relações acumuladas ao longo do tempo. Na comunidade, o tucumã se apresenta como uma construção de futuro possível. Nos últimos 20 anos, a comunidade tem se dedicado, e o Sítio Belém, a

perpetuar a presença dos tucumanzeiros, contando ainda com a ajuda dos animais dispersores.

O caso do Sítio Belém revela que o tucumã se insere em diferentes redes. Pode aparecer no prato, como parte de um lanche símbolo da cidade, junto com outros ingredientes, mas também está presente no quintal dos agricultores, nas capoeiras antigas, em mudas trocadas por vizinhos ou em sementes dispersas pelos animais. Essa circulação mostra que, ao mesmo tempo em que o tucumã possui valor econômico, ele integra redes de sociabilidade, cuidado e memória de pessoas.

Encerrar esta dissertação não significa esgotar o tema, apenas evidencia as múltiplas formas de estudar a espécie, sem encerrar a trajetória do tucumã. As histórias abertas no campo apontam muitos desdobramentos possíveis, como pensar nos impactos das mudanças ambientais sobre o fruto, comparar sua circulação com outras palmeiras e aprofundar o debate sobre sua presença no mercado, embora isso não tenha sido o foco desta pesquisa.

Por fim, este trabalho reforça a possibilidade de estudar a Amazônia e a história de sua paisagem a partir de uma espécie. Nesse movimento, foi possível acompanhar algumas relações entre humanos e não humanos, suas práticas e o rico conhecimento dessas pessoas. O tucumã tornou-se não apenas um objeto de estudo, mas um agente mediador de histórias, conhecimento e encontros, funcionando como um interessante personagem para repensar a vida compartilhada na floresta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Ana Carolina Vitorio. *Tecidos de tucumãzeiros e gentes: interações e mudanças na produção dos trançados do Arapiuns*. 2022. 192 f. Tese (Doutorado em Ciências Ambientais) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/823. Acesso em: 15 nov. 2025.

BACELAR-LIMA, C. G.; MENDONÇA, M. S. de; BARBOSA, T. C. T. S. Morfologia floral de uma população de tucumã, *Astrocaryum aculeatum* G. Mey. (Arecaceae) na Amazônia Central. *Acta Amazônica*, Manaus, v. 36, n. 4, p. 439–445, 2006.

BALÉE, William. *Advances in Historical Ecology*. New York: Columbia University Press, 1998.

BATESON, Gregory. *Mente e natureza: a unidade necessária*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instrução Normativa nº 19, de 28 de maio de 2009. Dispõe sobre os Sistemas Participativos de Garantia. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2009.

CANTO, A. R.; MARINHO, R. R.; ISHIKAWA, N. K.; ANDRADE, J. S. Comparação da curva de crescimento microbiológico na polpa do tucumã no período da safra e entressafra. In: XVI JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA PIBIC CNPq/FAPEAM/INPA, 2007, Manaus. *Anais…* Manaus, 2007. p. 107–108.

CLEMENT, Charles R. et al. Origin and domestication of native Amazonian crops. *Diversity*, Basel, v. 2, n. 1, p. 72–106, 2010.

COCCIA, Emanuele. A virada vegetal. *Calibán – Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, Montevidéu, v. 18, n. 1, p. 218–222, 2020. Disponível em: https://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/fepal-caliban-2020-v18-n1-POR-29.pdf. Acesso em: 15 nov. 2025.

COSTA, Barbara Elisabeth Teixeira. *Avaliação das características físicas, químicas e nutricionais dos óleos de tucumã (Astrocaryum aculeatum e Astrocaryum vulgare) obtidos com CO_2 pressurizado*. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

COSTA, Joanne Regis da; LEEUWEN, Johannes van; COSTA, Jarbas Anute. Tucumã-do-amazonas, *Astrocaryum tucuma* Martius. In: SHANLEY, P.; MEDINA, G. (orgs.). *Frutíferas e plantas úteis na vida amazônica*. Belém: CIFOR; Imazon, 2005. p. 221–228.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Populações tradicionais e a Convenção da Diversidade Biológica. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 13, n. 36, p. 147–162, 1999.

DESCOLA, Philippe. Ecologia e cosmologia. In: CASTRO, E.; PINTON, F. (orgs.). *Faces do Trópico Úmido: conceitos e questões sobre o desenvolvimento e meio ambiente*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1997. p. 243–261.

DIDONET, Adriano Amir; FERRAZ, Isolde Dorothea Kossmann. O comércio de frutos de tucumã (*Astrocaryum aculeatum* G. Mey – Arecaceae) nas feiras de Manaus (Amazonas, Brasil). *Revista Brasileira de Fruticultura*, Jaboticabal, v. 36, n. 2, p. 353–362, abr. 2014.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7–41, 2009.

HARAWAY, Donna. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

KAHN, F. The genus *Astrocaryum* (Arecaceae). *Revista Peruana de Biología*, Lima, v. 15, supl. 1, p. 31–48, 2008.

KIELING, A. C. et al. Cadeia do tucumã comercializado em Manaus-AM. *Scientia Amazonia*, Manaus, v. 8, n. 1, p. B1–B14, 2019.

KIRKSEY, Eben; HELMREICH, Stefan. The emergence of multispecies ethnography. *Cultural Anthropology*, Arlington, v. 25, n. 4, p. 545–576, 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus, 1990.

LUNZ, A. M. et al. Primeiro relato do pulgão *Cerataphis brasiliensis* (Hempel) (Hemiptera: Aphididae) atacando mudas de duas espécies de tucumanzeiro (*Astrocaryum* spp.): descrição e controle. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2010. 6 p. (Comunicado Técnico, 223).

MANAUS (AM). Lei Ordinária nº 2.525, de 2019. Institui como patrimônio cultural imaterial da cidade de Manaus o sanduíche X-Caboquinho. *Diário Oficial do Município de Manaus*, Manaus, 2019.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 399-422.

MERIGUETE, I. L. A. V.; ARAÚJO, M. I.; SOUSA, S. G. A. Ajuri nas florestas: uma prática real. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 9., 2015, Belém. *Cadernos de Agroecologia*, v. 10, n. 3, 2015.

RESQUE, Olímpia Reis. *Vocabulário de frutas comestíveis na Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2007.

SAGRILLO, M. R. et al. Tucumã fruit extracts (*Astrocaryum aculeatum* Meyer) decrease cytotoxic effects of hydrogen peroxide on human lymphocytes. *Food Chemistry*, Oxford, v. 173, p. 741–748, 2015.

SCHROTH, G. et al. Extractive use, management and in situ domestication of a weedy palm, *Astrocaryum tucuma*, in the central Amazon. *Forest Ecology and Management*, Amsterdam, v. 202, n. 1, p. 161–179, 2004.

SHANLEY, Patricia; MEDINA, Gabriel (orgs.). *Frutíferas e plantas úteis na vida amazônica*. Belém: CIFOR; Imazon, 2005.

SILVA, Michele Bezerra. *Caracterização físico-química e secagem de frutos de tucumã (Astrocaryum vulgare Mart.) para produção de farinha*. 2016. Dissertação (Mestrado em Produção Vegetal) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2016.

TSING, Anna. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 177–201, 2015.

TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB; Mil Folhas, 2019.

VAN DOOREN, Thom; KIRKSEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. Multispecies studies: cultivating arts of attentiveness. *Environmental Humanities*, Durham, v. 8, n. 1, p. 1–23, 2016.

WANDELLI, E. V. et al. A experiência da Rede Maniva de Agroecologia do Amazonas (Rema) em transformar os procedimentos legais da certificação orgânica em mobilização social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 9., 2015, Belém. *Cadernos de Agroecologia*, v. 10, n. 3, 2015.